

Gazeta das Aldeias

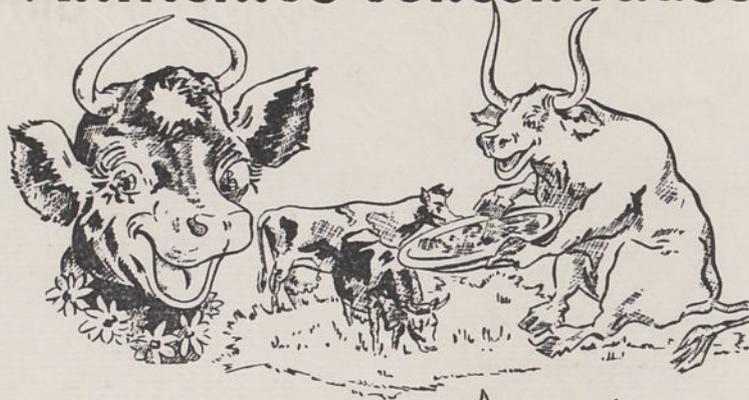
N.º 2503

16 DE SETEMBRO DE 1963



Sala.....
Est.
Tab.
N.º

Alimentos Concentrados



PRODUTOS COMPOSTOS COMPLETOS:

2609

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos em engorda
- SOJAGADO N.º 4 — " galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — " pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — " frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — " frangas

PRODUTOS COMPOSTOS COMPLEMENTARES:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — " bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — " aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — " éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — " porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

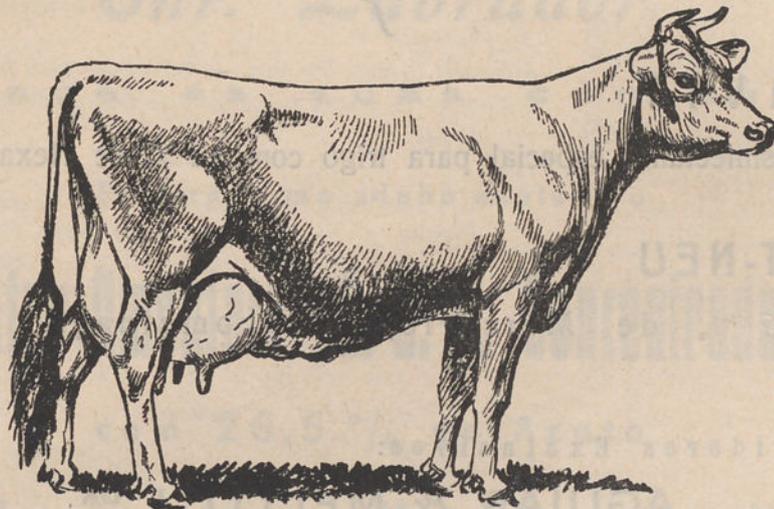
FARINHAS ALIMENTARES PARA GADO

SOJAGADO

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

FABRICAS EM OVAR—TELEF. 63 ● ESCRITÓRIOS—RUJA DOS FANQUEIROS, 38-1.—LISBOA

VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



3211

Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



* Marca Registada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
80 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO

DESINFECTANTES DE SEMENTES

“SCHERING”

TUBAVIT

desinfectante especial para trigo com 12% de Hexaclorobenzeno

ABAVIT-NEU

1,7% de Mercúrio, em combinação orgânica

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}
Praça do Município, 13-1.º — LISBOA

2691



SOGERE

Sociedade Geral de Representações, Lda

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 36-1.º — Tel. 24720
LISBOA — Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º — Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

MOSTO

PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a Gelatina «SPA»

EM



PINTO & CRUZ, L.^{DA}

60, R. ALEXANDRE BRAGA, 64
TELEF. 26001 (P.P.C.) • PORTO

2177



DINHEIRO

Emprestamos
qualquer
quantia sobre
propriedades

...
Não cobramos
avaliações
aos prédios

...
Consulte-nos

Centro Predial do Norte

R. Passos Manuel, 71 — Telef. 34995 e 35329 — Porto

3840

Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoñiacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoñiacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA

Companhia União Fabril

LISBOA - 3

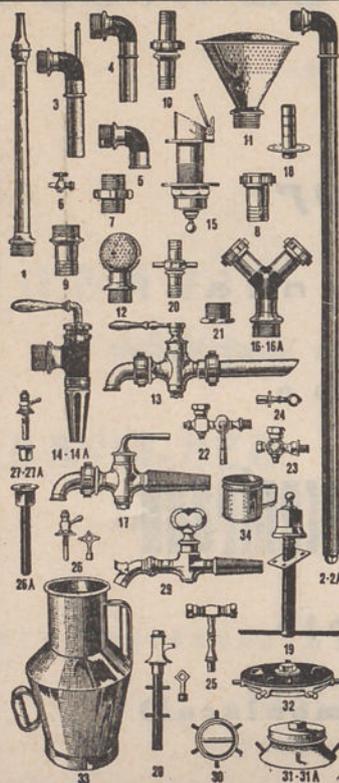
Av.ª do Infante Santo
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAIS



Tanino «Dyewood» 100% solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

Calgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rolhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório

3876

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

TELE { fones: 28098-36178
gramas: GUIPEIMAR

O Caminho de Ferro é o transporte ideal, pois é seguro, rápido, prático e económico.

1583

PEBES de coelho, raposa e de todos os animais — Curtimos, tingimos e confeccionamos

RÚSSIA NO PORTO

Raposas e casacos de peles aos melhores preços.

R. Fernandes Tomás, 561-Porto
(Ánima da Capela das Almas)
Telef. 22960 2118

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o **desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam**

Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES GERAIS:

Vicente Ribeiro & C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º

LISBOA



2692

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couves bróculo, Couves flor, Lombarda, Penco de Chaven, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Tronchuda, Espinafres, Rabanetes, Repolhos, assim como: Azevém, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja **SEMEAR E COLHER** dê a preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

«SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para venda

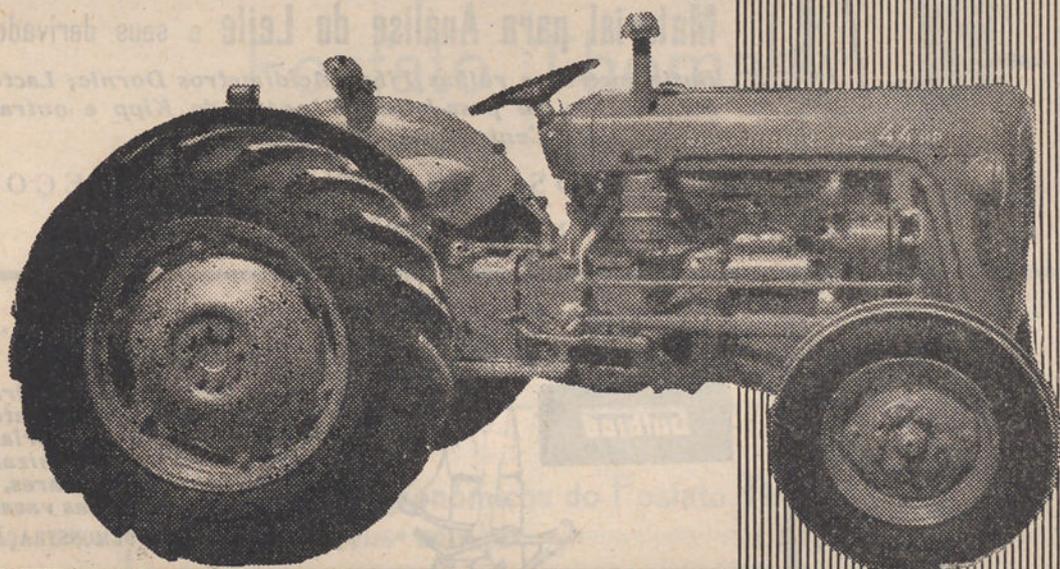
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente



MASSEY-FERGUSON **3-5-X**

O NOVO TRACTOR
COM AS FAMOSAS
CARACTERÍSTICAS DESTA MARCA
E MOTOR DIESEL DE

44hp



QUE COMPLETA A LINHA DE TRACTORES
AGRÍCOLAS MODELOS 65 (57,5 hp) E 825
TODOS EQUIPADOS COM O AUTÊNTICO



UM ANO DE
GARANTIA

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

AV. DA LIBERDADE, 35-4.º ESQ. — LISBOA
AGENTES EM TODO O PAÍS

CONTROLE O SEU VINHO

Ebuliómetros — Termómetros — Aparelhos de destilação — Acidímetros Mathieu de 1-2-4-6 ensaios, para a determinação de acidez volátil nos vinhos — Alcoómetros — Densímetros — Pesa-mostos — Licores acidimétricos — etc. — etc.

Sempre em armazém artigos da Casa Dujardin-Salleron e nacionais de boa qualidade.

3964



Emilio de Azevedo Campos C.^a L.^{da}

PORTO — Rua de Santo António, 137
TELEFONE, 20254/5

LISBOA — Rua de Antero de Quental, 17-1.^o
TELEFONE, 553366



Material para Análise do Leite e seus derivados

Butirómetros e rolhas Fibú; Acidímetros Dornic; Lactodensímetros ou pesa-leites; Pipetas de Kipp e outras, Centrifugas, Balanças, etc., etc.

OS MELHORES ARTIGOS AOS MELHORES PREÇOS
PEÇAM-NOS TABELAS

Visite V. Ex.^a a

**Ouridesaria
Aliança**

onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

PORTO 3056
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50

Use

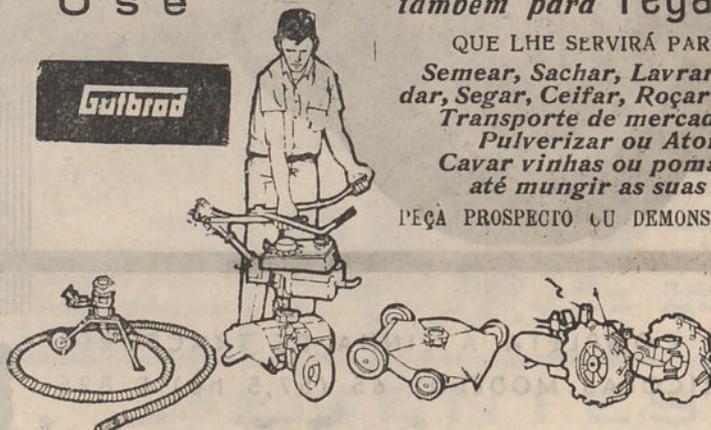


também para regar...

QUE LHE SERVIRÁ PARA:

Semear, Sachar, Lavrar, Gradar, Segar, Ceifar, Roçar mato, Transporte de mercadorias, Pulverizar ou Atomizar, Cavar vinhas ou pomares, e até mungir as suas vacas.

PEÇA PROSPECTO OU DEMONSTRAÇÃO



Agência Geral Galtrod - R. José Falcão, 152-156 - Tels.: 20947 e 20948 - Porto



W i n o

MASTIQUE
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 PORTO

8689

Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

A OS

A

Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua D. João V, n.º 29-3.º D

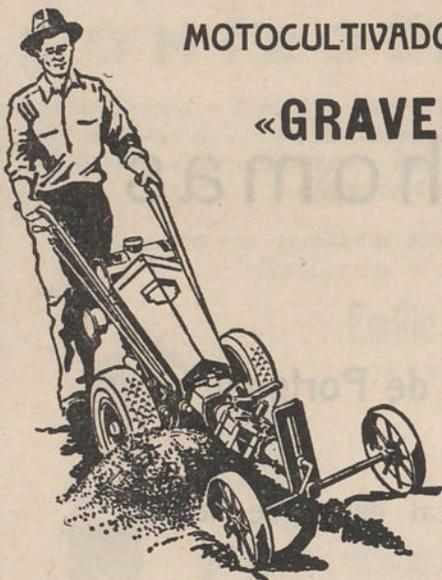
LISBOA-2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome

Morada



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»

Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

*Lavra—Sacha—Grada—Semeia—
Transporta—Cava e descava
vinhas—Pulveriza vinhas, batatais
e árvores—Serra—Rega—Ceifa—
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

Internacional Importadora e Exportadora, Lda.

Rua do Almada, 443—Telef. 33379—PORTO

3886

VINDIMAS

Análises e Material de Laboratório

O Estabelecimento *Vino-Vito*, ao iniciar a Campanha *Vinicola do corrente Ano*, cumprimenta os seus estimados clientes, desejando-lhes uma boa colheita e de boa qualidade.

A nossa Casa que há Anos vem prestando à viticultura, toda a assistência técnica, estará ao V/ dispor para qualquer consulta.

ANÁLISES DAS UVAS, poderão uns dias antes das vindimas, fazer uma colheita de uvas, tiradas de diversos pontos da vinha o *mais homogênea possível* e fazer-nos o seu envio rapidamente, a fim de serem analisadas, para lhes dar depois a análise do mosto dessas uvas e bem assim o *tratamento a efectuar* na altura das vindimas.

Temos para venda todo o material de análises, como pesa-mostos, (Mustímetros, Gleocómetros) da casa Saleron e Hobel, termómetros, provetas, e o *Acidímetro Vino-Vito*, para determinar a *acidez total tartárica do mosto*, e bem assim todo o material e produtos para tratamento dos mostos.

ANÁLISES

Efectuamos todas as análises de produtos de alimentação, Vinhos, Vinagres, Aguardentes, AZEITES, banhas, manteigas, licores, etc., etc.

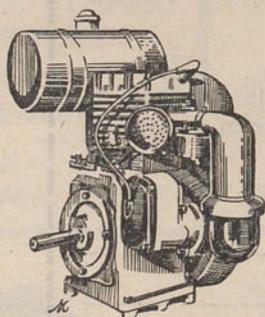
Cursos de análises e tratamento de Vinhos. Reparação e aferição de material de análises (Ebuliómetros, acidímetros) etc., etc.

*Dirigir ao Estabelecimento *Vino-Vito*, R. Cais de Santarém N.º 10-1.º dirt.º—Lisboa (Ao Cais da Areia) Telefone P. B. X. 869930.*

É nosso agente no Porto a conceituada firma António Moutinho & C.ª L.da, Rua de Santo António N.º 52, Telefone 20173.

Agente no Bombarral: Patuleia & Patuleia, L.da—Telefone P. P. C. 62344

3965



Motores a petróleo

“WISCONSIN”

sempre em armazem

PEÇAS DE RESERVA ORIGINAIS

Distribuidores exclusivos em Portugal

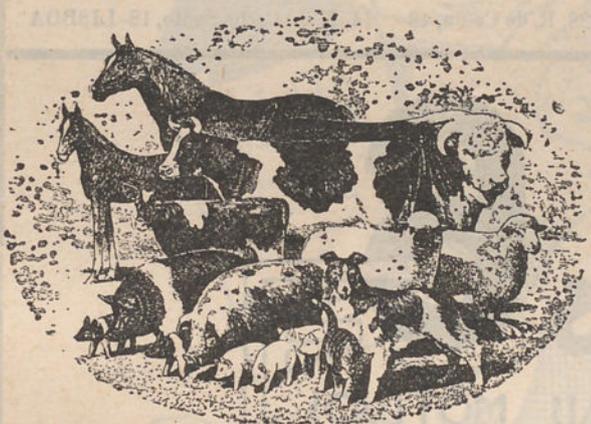
CASA CAPUELO

LISBOA - PORTO

3896

Proteja a Pecuária Nacional

Os métodos de criação e as raças
variam . . .



mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado . . .

porque

...dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a** *crecem com maior rapidez*
- b** *dão mais carne com menos alimento*

Sim... O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂... e obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contenham...

AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

WAYNE, N. Y. E U. A.

3243

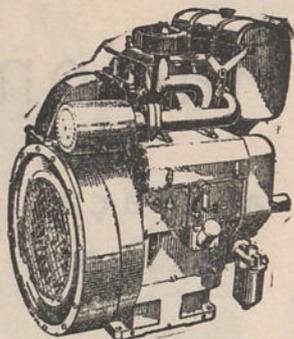
* Marca Registrada

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^A
Rua Conde Redondo, 64 - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



Motores Diesel

RUSTON



OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LAGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

3887

HARKER, SUMNER & C.^A, L.^{DA}

PORTO-38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18-LISBOA

Os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1.º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA
O específico Anti-urico por excelência

2816

OS ALIMENTOS COMPOSTOS
e CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS



Contêm as **proteínas**, as **vitaminas**, os **minerais** e os **antibióticos**, cientificamente doseados, uniformemente misturados e biologicamente controlados.

FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
*Fábr. de Rações Provimi
da Madeira, Lda. — Funchal*
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 782131 — 782132 — 780391

GAZETA DAS ALDEIAS



(387)

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA - 2 — Tel. 369965

SUMÁRIO

Vindimas e qualidade	681
Alguns aspectos ecológicos da Engenharia Florestal — Prof. C. M. Baeta Neves	682
A transformação do regime fundário — Eng. Agrónomo G. Santa Rita	685
Ajudai-nos! Protegei-nos! Sal- vai-nos! — Eng. Agrónomo Luís Bivar	689
Vindimas à porta	692
Reflexões sobre as jornadas Cerealíferas e Leiteiras de Lisboa, realizadas em Junho de 1963 — Eng. Silvicultor Joa- quim Abrantes Zenhas	695
Vasilhas de conservação de vinhos	698
Pragas Florestais — Pinheiros — Eng. Silvicultor Francisco de Azevedo e Silva	699
A raça porcina «Fonte-Boa Malhada» — Dr. José Carrilho Chaves	702
A pesca nos rios e as portarias n.ºs 19 908 e 19 988 — Almeida Coquet	705
Fases Críticas da Criação dos Pintos	708
Mirante — Conde d'Aurora	710
Secção Feminina	711

SERVIÇO DE CONSULTAS

— Fruticultura	713
— Patologia Vegetal e Ento- mologia	713
— Direito Rural	715
Informações	717
«Intermediário dos lavradores»	718

A NOSSA CAPA



Ponte da Barca, Lindoso — Esteios
de parreira, feitos de pedras
encasteladas.

Cliché gentilmente cedido pelo
Centro de Estudos de Etnologia
Peninsular — Porto.

ASSINATURAS

Ano	10000
Semestre	5500
Número avulso	500
Estrangeiro (Excepto Espa- nha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENTAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

Vindimas e qualidade

As condições em que tem decorrido a vegetação da vinha provocaram já um grande atraso no início da maturação da uva. Dum modo geral pode-se avaliar em talvez mais de 20 dias esse retardamento.

A não ser que as condições climáticas mudem a ponto de se recuperar o atraso actual — o que parece pouco provável — tem que se contar com vindimas tardias. Ora, se em anos normais, grande parte dos nossos vinicultores peca por colher cedo demais, pior será nesta campanha, se não considerarem a tempo o erro grave que cometem.

Qualidade é condição fundamental se quisermos ter juz a uma posição digna no panorama vinícola mundial e qualidade só se obtém, entre outras condições, com uvas em conveniente estado de maturação.

Não basta cultivar boas castas em locais convenientes, bem defender a vinha de pragas e doenças. É preciso colher na devida altura quando a uva tenha atingido um equilíbrio de composição favorável à obtenção de um vinho de qualidade, não comprometendo por um acto irreflectido, uma pressa extemporânea ou seguindo o mau exemplo do vizinho, o resultando dum longo período de trabalho e despesas.

Bem gostaríamos que este brado de alerta, que este apelo ao bom senso, ecoasse na mente de todos os nossos produtores de vinho.

Infelizmente há tantos surdos...



CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

Alguns aspectos ecológicos da

Engenharia Florestal

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Eng. Silvicultor

INFELIZMENTE para todos nós, há coisas elementares que não só a grande maioria das pessoas ignora, como ninguém se preocupa em divulgar. Vem este desabafo a propósito da falta de frequência do curso de Engenheiro Silvicultor, a qual eu atribuo essencial-

cias, traduzidas no atraso em que o País se encontra em muitos aspectos da sua vida colectiva, que a outra causa não pode ser atribuído, evidente como é a interdependência que existe entre tais circunstâncias.

Reconhece-se por exemplo que as condições ecológicas da Metrópole justificam destinar à exploração florestal mais de metade de todo o seu território, mas ninguém dá um passo com a decisão, amplitude e energia necessárias para resolver o problema da falta de frequência do curso que forma os técnicos indispensáveis para se poder tirar o máximo partido económico dessa realidade.

Ora, perante a falta de conhecimento do público, importaria fazer uma campanha de elucidicação sobre o que é e para que serve o curso de Engenheiro Silvicultor, sem o que o aumento da frequência do qual não se processará com a rapidez e nas proporções a que obrigam os superiores interesses nacionais. Por minha parte pouco mais posso fazer, por limitação de recursos materiais e pela presença de dificuldades e obstáculos inexplicavelmente inamovíveis.

E de tal modo se apresentam como anacrónicas as razões da inércia em tal matéria de tão declarado e imediato inte-



Vegetação própria das dunas (Praia de Faro)

mente ao desconhecimento do público sobre o que é e para que serve a Engenharia Florestal.

E com tão grave inconveniente como a ignorância existe um outro mal, o saber incompleto e sem fundamento, ou a ideia errada, tida como justa e certa.

De tudo isto sofreremos as consequên-

resse nacional, que não é fácil encontrar uma causa que não seja a ignorância; áparte algum caso, raro e esporádico, de uma atitude de despeito ou aberrante critério de auto-defesa.

Importa assim insistir no tema da elucidação pública de alguns aspectos fundamentais da actividade do Engenheiro Silvicultor e do meio onde essa actividade é exercida, razão porque, apesar dessas limitações, eu vou insistindo no tema, procurando tirar o maior partido das minhas escassas possibilidades.

* * *

Entre o número relativamente limitado de pessoas que sabem da existência do curso de Engenharia Florestal, são ainda em menor número aquelas que estão a par da natureza dos problemas cujo estudo e resolução lhe cabe, além dos que digam directamente respeito à arborização e exploração das matas.

O fundamento ecológico, matemático e tecnológico da actividade profissional é praticamente ignorado por quase toda a gente, atribuindo-se àquelas tarefas mais uma natureza de prática agrícola especializada do que a execução de técnicas fundamentadas em conhecimentos científicos da maior transcendência.

A convicção de muitos, nomeadamente entre os que vivem da Agricultura, que qualquer pode fazer tanto como um Engenheiro Silvicultor em matéria de Silvicultura, só teria razão de ser se o técnico florestal não actuar como universitário que é, mas como florestal amador ou silvicultor prático, sem olhar aos prejuizos económicos consequentes.

Disse eu ainda há bem pouco tempo que mais de 95% da área arborizada do País, por quase completa ausência de intervenção da Engenharia florestal, está a ser explorada pela rotina, com enorme prejuízo para a Economia Nacional.

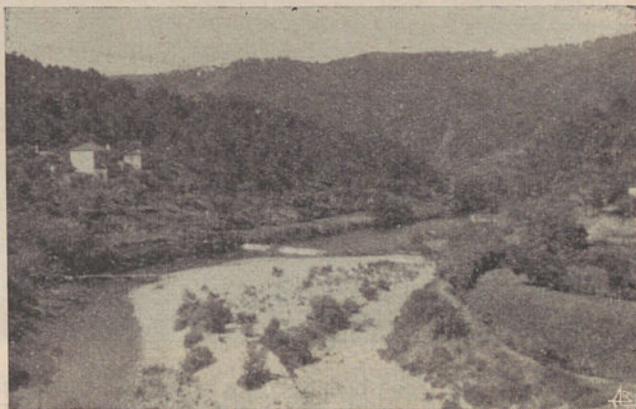
Não caiu o Carmo nem a Trindade mas não deixei de ser suspeitamente olhado com a incredulidade de quantos me ouviram, que no íntimo me atribuíram objec-

tivos de crítica destrutiva, que nunca existem nem nas minhas palavras nem no meu subconsciente.

Mas para que me não perca nestas considerações e nas muitas outras que, como consequência lógica, as acompanhariam, dou-as por findas para ainda poder ficar no âmbito deste artigo o tema que me propuz tratar.

* * *

Entre os ambientes ecológicos em que se desenvolve, ou pode desenvolver, a actividade do Engenheiro Silvicultor, as dunas e as águas interiores destacam-se pela sua vincada personalidade e pela posição original que ocupam no enqua-



Um rio a aproveitar economicamente pela Agricultura (Ceira)

ramento geral dos problemas técnicos cujo estudo e resolução lhes compete.

As dunas, com as condições próprias que as distinguem, oferecem à Engenharia Florestal uma das mais notáveis oportunidades da sua prestimosa presença, quando é tentado a sua fixação ou simples aproveitamento pela arborização.

As características ecológicas próprias, de um tipo muito particular, que a flora reflecte com marcada e distinta natureza fitogeográfica, condicionam e obrigam o trabalho técnico a realizar dando-lhe características próprias, entre as quais dominam as dificuldades.

E ainda que tal trabalho esteja prati-

camente terminado na Metrópole, existem áreas no Ultramar onde não faltam ocasiões para os Engenheiros Silvicultores evidenciarem a eficiência e interesse nacional da sua actividade técnica na resolução dos complexos problemas que a existência de dunas, nomeadamente quando móveis, envolve.

O conhecimento profundo da ecologia própria, como fundamental que é para a execução da tarefa a realizar, não poderá deixar de ser objecto de um estudo científico do maior rigor.

Um outro meio, mesológico e perfeitamente defenido, relacionado com a Engenharia Florestal, é o meio aquícola, ou

a Biologia marítima (ciência que estuda a vida nos mares).

O Engenheiro Silvicultor é assim obrigado a uma preparação biológica muito ampla e profunda, sem a qual não poderá fundamentar com a segurança indispensável a sua acção técnica através da Piscicultura e da Pesca, objectivos fundamentais da actividade consequente.

* * *

Quando em determinada altura me disseram que a falta de frequência do curso era essencialmente devida a ideia de que a Engenharia Florestal se destinava apenas à orientação técnica da pro-



Uma lagoa com abertura periódica para o mar (Lagoa de Albufeira); aspecto parcial do lado do mar (poente)

das águas interiores, cujo aproveitamento económico está sob a sua alçada.

Constituirá para muita gente motivo de surpresa a informação de que aos Engenheiros Silvicultores cabe explorar as riquezas naturais dos rios, lagos e lagoas, de origem natural ou artificial, pela pesca; contudo é uma realidade a que corresponde um campo de acção cada vez mais vasto e complexo.

Tal circunstância exige por seu turno um conhecimento ecológico da maior transcendência dessa modalidade de meio aquítico, ampliado ainda, para além da água doce, aos estuários dos rios e às lagoas com abertura periódica para o mar, onde a Limnologia (ciência que estuda a vida nas águas interiores) se mistura com

dução lenhosa, eu insurgi-me não só pelo erro que tal afirmação representava como pela ignorância correspondente e suas consequências.

De facto ao Engenheiro Silvicultor é pedido muitíssimo mais do que isso, e ainda que tal tarefa seja só por si suficiente para ocupar e preocupar um vasto sector dessa modalidade de Engenharia, a verdade é que o seu campo de acção é muito mais vasto.

Analisando este ecológicamente pode dizer-se que lhe cabe o aproveitamento e exploração económicos de todos os meios terrestres, de condições mesológicas mais ingratas, susceptíveis de produção vegetal e animal, e ainda todos aqueles, de

(Conclui na pág. 688)

A TRANSFORMAÇÃO DO REGIME FUNDIÁRIO

Por G. SANTA RITTA
Eng. Agrónomo

SÓ há poucos anos foi aceite pela generalidade dos técnicos e dos economistas a noção de que a crise profunda atravessada pela agricultura na maior parte dos países provinha de deficiências institucionais que necessitavam, para ser remediados, de uma actuação profunda no *plano social* e no *plano jurídico*, sem a qual não seriam eficazes quaisquer acções empreendidas no *plano técnico*.

Os técnicos dominados pela intenção generosa de pôr os seus conhecimentos ao serviço do aumento das produções, só tarde se aperceberam que a fecunda «revolução agrícola» processada a partir da ampliação dos conhecimentos científicos relacionados com a agricultura, não poderia proporcionar todas as suas vantagens sem um substrato socio-jurídico para cuja elaboração teriam de contribuir; os economistas, habituados a relegar para o plano político o debate doutrinário sobre o condicionalismo económico-social da produção agrícola, também só tarde se capacitaram de que a remodelação das estruturas da produção tinha saído do âmbito exclusivo da doutrina política, para se integrar num complexo técnico-jurídico que deve ser comum a todas as concepções políticas do mundo ocidental. Existe uma tendência cada vez maior para destrinçar dos aspectos puramente políticos da legislação agrícola, uma parte técnica; assim como existe uma técnica fiscal, com os seus métodos próprios, co-

muns à generalidade dos regimes políticos, assim se processa a criação duma técnica social-agrária, baseada no aprofundamento dos conhecimentos de ordem sociológica sobre o condicionalismo do mundo rural.

Certos sectores do pensamento católico são responsáveis, em numerosos países da Europa Ocidental, pela busca dos métodos e dos objectivos desse novo aspecto socio-jurídico da actividade técnica. Em França, o grupo «Economie et Humanisme» tem dado uma poderosa contribuição para o estabelecimento de uma nova estrutura das instituições rurais.

Integrado na linha de pensamento da «Economie et Humanisme», foi publicado há meses um livro de Pierre Vian, intitulado *Révolution Agricole et Propriété Foncière*. Recomendamos vivamente a sua leitura a todas as pessoas que se interessam pelos problemas da posse e fruição da terra. Na impossibilidade de dar uma ideia de todos os problemas, relativos ao regime de propriedade e à forma de exploração, debatidos no volume, procuraremos fazer hoje uma síntese do capítulo dedicado às modificações do regime fundiário. Tais modificações devem ter em vista:

- 1) Tornar mais maleável o quadro do regime fundiário;
- 2) Harmonizar o preço da terra com o valor da sua produtividade;
- 3) Submeter proprietários e cultivadores aos imperativos da produção.

Um novo conceito, de ordem socio-jurídica, o de «propriedade cultural», a par da noção clássica de «propriedade fundiária», merece, também, uma extensa análise ao autor do livro. Procuraremos, noutro artigo, resumir algumas ideias decorrentes da sua leitura.

A importância do problema fundiário é muito grande, num mundo rural em permanente e intensa revolução. No prefácio da obra salienta-se que, depois da segunda Guerra Mundial, a agricultura sofreu uma mutação rápida e profunda que apresenta certa analogia com a *revolução industrial* do século passado; estruturas, instituições e mentalidades transformam-se sob a influência do progresso técnico e dos imperativos económicos. E no entanto, a rigidez das estruturas fundiárias contrasta com este movimento geral. No fundo, a propriedade rústica interfere com todos os problemas levantados pelas nossas sociedades modernas em mutação. Se desperta sentimentos contraditórios e por vezes apaixonados, diz Vian, é porque, actuando como um revelador, obriga cada um a mostrar a sua atitude íntima perante a evolução: uns aceitam o movimento e até o desejam; outros, receando o que desconhecem, procuram travar essa evolução, mantendo os antigos quadros. Esta clivagem, tão nítida quando se trata da propriedade fundiária, separa talvez menos classes sociais ou interesses opostos, do que mentalidades.

Mas vejamos então alguns aspectos relacionados com a *modificação do regime fundiário*. Convém não esquecer, acentua-se logo de início, que este regime, velho de mais de 150 anos, teve a sua origem num contexto absolutamente diferente do actual. Tratava-se duma sociedade liberal e pré-industrial, que acabava de fazer uma revolução política, mas conservava ainda a sua economia artesanal e rural. Por curiosa coincidência, num trabalho que elaboramos recentemente (e antes de ler o estudo de Vian) sobre «Relações entre o desenvolvimento económico e o desenvolvimento social da Agricultura», expuzemos pontos de vista perfeitamente análogos.

Esta sociedade liberal era definida por

uma tripla característica, aceitável no seu tempo, mas hoje ultrapassada e nociva, no que se refere ao regime fundiário. Assim, este regime era:

1.º) Um *regime estático*, consagrando as situações adquiridas e só muito lentamente permitindo modificá-las.

2.º) Um *regime de economia liberal*, em que a produção era determinada exclusivamente em função da oferta e da procura.

3.º) Um *regime de detentores de capital* em que o dinheiro servia de padrão e que alinhava o preço das terras e o valor das rendas, igualmente, pelo jogo da oferta e da procura.

As modificações destinadas a tornar o regime fundiário mais maleável têm o maior interesse. São três os meios considerados para a remodelação das estruturas fundiárias, a saber:

1) *Emparcelamento*.

2) *Cessão e trocas de direitos de propriedade e de exploração*.

3) *Constituição de sociedades de ordenamento fundiário*.

A referência particular feita à legislação francesa sobre esta matéria permite fazer uma ideia bastante clara dos dados do problema. Na época do Código Civil, diz Vian, o progresso técnico, poderoso fermento de transformações sociais, fazia apenas a sua tímida aparição nos sectores têxtil e da metalurgia. A Agricultura, agitada aqui e ali pela pressão fisiocrática, conservou no entanto o essencial dos seus processos ancestrais, e a aspiração dos camponeses à posse da terra, consagrada pelo Código, provocava uma estabilidade de estruturas fundiárias, que convinha a uma época de estagnação técnica. A partir do momento em que o progresso técnico tende a propagar-se rapidamente nos meios rurais, todas as estruturas tradicionais foram abaladas. As explorações minúsculas concentram-se, aumentadas com a parte dos que abandonam a lavoura; para determinadas actividades, elas começam a associar-se; mais recentemente, começam a fusionar-se parcialmente (edi-ficações comuns do assento de lavoura,

galinheiros e, mais recentemente, estábulos, colectivos, etc.); por vezes, mesmo, notam-se tentativas para unificação das explorações num centro de decisão único, num quadro societário e comunitário, encorajado, aliás, pela lei de orientação de 1960.

Esta agricultura de grupos, que começa a surgir e a procurar realizar-se, necessita duma grande maleabilidade de estruturas. O legislador apercebeu-se desta rigidez excessiva do regime fundiário. Sem abalar as bases tradicionais em que este assenta, esforçou-se por lutar contra a esclerose de que enfermava.

O emparcelamento é a primeira das medidas destinadas a *modificar a estrutura das propriedades com vista a uma exploração agrícola satisfatória*. Mas o próprio emparcelamento vem chamar a atenção para novos problemas. Uma nova etapa, **do emparcelamento ao agrupamento cultural**, é agora evocada. Vejamos em que consiste.

O emparcelamento tem por objectivo, segundo a própria definição do Código Rural francês, «melhorar a exploração agrícola dos prédios que lhe são submetidos». Quer dizer, é visada a exploração agrícola; mas é à propriedade que a lei se aplica. Para superar esta contradição interna e facilitar a constituição de unidades *viáveis e permanentes*, eliminando quaisquer elementos de rigidez das estruturas fundiárias, o agrupamento cultural pode proporcionar uma contribuição; inspira-se na prática espontânea dos cultivadores para adaptarem as suas explorações às modificações da técnica ou às condições, ainda mais rapidamente variáveis da mão-de-obra familiar. Segundo as suas necessidades, o cultivador procura tomar de renda tal ou tal parcela livre pela desaparecimento dum casal cujos filhos não querem ser agricultores mas também não pretendem vender a terra; ou, ao contrário, comprar um lote disponível, a fim de ampliar a superfície da exploração de que é rendeiro, etc..

Afigura-se que esta modalidade poderá ter certo interesse. Antecedendo o emparcelamento substituindo-o provisoriamente, servindo-lhe de complemento, talvez seja um novo instrumento de valorização rural. Para já, pode-se afirmar que tem de

significativo o espírito de renovação e de colaboração que anima todas as tentativas dos nossos dias para tornar a estrutura fundiária mais maleável e consentânea com as necessidades da moderna agricultura.

Uma outra etapa, citada por Viau, vai **da exploração individual aos grupos voluntários de exploração**. O art. 13.º da «lei de orientação» prevê o *estímulo às diversas formas de agrupamento voluntário de propriedades e explorações*. Este agrupamento permite uma adaptação rápida das áreas cultivadas às necessidades da exploração racional, adaptando as infra-estruturas fundiárias às necessidades da cultura moderna. Também aqui, este novo instrumento pode «contribuir para a expansão da fórmula societária», e bem assim para tornar mais maleável o regime de propriedade. A sua eficácia diminuirá, porém, nas regiões de arrendamento e parceria.

Já em artigo anterior foram salientadas as virtualidades da *fórmula societária*, que carece, no entanto, para ser convenientemente difundida e utilizada, dum intenso esclarecimento da opinião pública e duma participação entusiástica dos agricultores. Aqui, mais uma vez, novos caminhos estão a ser abertos para uma técnica de acção social agrária.

Vejamos, por fim, alguns aspectos da constituição das **sociedades de ordenamento fundiário**. Estas sociedades, designadas por S.A.F.E.R. (Sociétés d'Aménagement Foncier et d'Établissement Rural) «têm por fim melhorar as estruturas agrícolas, elevar a área de certas explorações e facilitar o cultivo de terras e a instalação de agricultores». Respeitando o princípio da propriedade, actuam por compra e venda. Quando uma propriedade é posta à venda, apresentam-se como qualquer outro comprador e utilizam os seus fundos para adquiri-la. Detentores desse prédio, que não devem conservar por um período superior a 5 anos, efectuem então todos os melhoramentos necessários a uma agricultura racional. Os trabalhos realizados podem ter por finalidade ou reorganizar uma exploração, ou criar novas unidades; podem contribuir para a ampliação de unidades de dimensão insuficiente. Após terminadas as operações, as S.A.F.E.R.

Alguns aspectos ecológicos da Engenharia Florestal

(Conclusão da pág. 684)

natureza aquícola, onde a Pesca e a Piscicultura podem obter a sua maior valorização económica.

Não são assim só as serras e os terrenos incultos, de qualquer natureza, onde a Agricultura não consegue lograr um rendimento aceitável, que a Engenharia Florestal terá de aproveitar com a Silvicultura, o Regime Silvo-pastoril e a Cinegética, no sentido de tirar deles algum partido de interesse colectivo, são também as águas interiores, englobando nestas estuários e lagoas com abertura periódica

que não podem ser proprietárias permanentes de terras, devem ceder a sua exploração a agricultores que são instalados em regime de empresa familiar. Disposições de locação-venda auxiliarão os agricultores mais pobres a adquirir os prédios em prazos suficientemente largos.

O IV Plano Francês salienta a importância destas sociedades para tornar mais maleável «a rigidez do mercado fundiário».

Acabamos de entrever uma série de medidas, iniciativas e reformas destinadas a transformar o regime fundiário, através da estruturação de uma técnica de acção social agrária, sem interferir no plano político, com a orientação doutrinária dos governos dos respectivos países. O exemplo francês é, como vemos, bastante elucidativo. Na Alemanha Federal, as realizações neste campo têm também o maior interesse.

A renovação que se processa nos métodos de trabalho denota a vontade firme de progredir, no sector agrícola, manifestada no Mundo Ocidental. É possível que nem todas as sugestões e tentativas efectuadas tenham continuidade; é possível mesmo que algumas de momento não sejam inteiramente viáveis. Mas além do fecundo espírito de renovação que incarnam, abrem uma ampla possibilidade de recorrer à sociologia agrária como ciência experimental susceptível de contribuir para o bem-estar das populações.

para o mar, ainda que neste último caso em partilha com os técnicos de Biologia marítima.

Sem ter tocado noutros aspectos biológicos dos fundamentos e características da actividade profissional, e muito menos naqueles outros de natureza matemática e tecnológica que a caracterizam, não é difícil concluir não só da complexidade como da transcendência científicas dos problemas técnicos cuja resolução compete ao Engenheiro Silvicultor.

Nas realidades actuais, nas condições modestíssimas do nosso meio social, infelizmente os técnicos florestais universitários não têm os recursos de que necessitam para poderem actuar da forma mais eficiente, e assim tirar o maior partido dos meios materiais que têm sido ultimamente postos à sua disposição. E é pena que a oportunidade não esteja a ser aproveitada da melhor maneira, pois nem sequer dela se tirou o partido que oferecia para se resolverem de vez certos problemas fundamentais, fazendo estudos e reformas de fundo que são cada vez mais urgentes, ultrapassados como já foram todos os prazos que a mais modesta ponderação indicava como limite de qualquer acção técnica com garantia do seu máximo rendimento económico.

Basta olhar para o escandaloso e alarmante decréscimo da frequência de Curso Superior Florestal, um dos aspectos a considerar como consequência desse desleixo, para ficar demonstrada a verdade de quanto afirmo e a razão de ser da luta a que tão entusiástica e persistentemente alguns raros se têm devotado.

Fotografias do Autor

ERRATA

No nosso último número e no artigo *Depois de uma visita ao «Reino dos Algarves»*, do sr. Prof. Carlos M. Baeta Neves, por lamentável engano foi trocada a legenda da primeira fotografatura. Onde se lê: «Vista do Castelo de Silves para SE; no primeiro plano uma fábrica de cortiça, a meio um pomar de citrinos e outras culturas de várzea, e ao fundo o aspecto mais típico da paisagem do litoral algarvio (amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras e figueiras)» deverá ler-se: «Cultura agrícola no vale a WE de Silves e ao fundo os contrafortes da Serra do Caldeirão completamente despidos de vegetação arbórea».

Do sucedido pedimos desculpa aos nossos leitores e ao nosso prezado colaborador sr. Prof. Baeta Neves.

Ajudai-nos! Protegei-nos! Salvai-nos!

Por LUÍS BIVAR
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2501, pág. 624)

OXALÁ que eu tivesse convencido os leitores que estavam fora do assunto acerca das vantagens do cooperativismo. Sob a forma de adegas, conforme demonstrei, ele é um excelente remédio para o baixo preço do vinho, o qual é em grande parte devido ao nosso baixo nível de vida.

Porém se combinarmos esse remédio com um tratamento adequado, a *termoterapia*, os resultados, então, de bons ou excelentes poderão passar a maravilhosos.

Mas, perguntar-me-ão, em que é que consiste a tal *termoterapia*?

Termoterapia é tratamento pelo calor. Mas continuarão a perguntar, como diabo é que o calor nos poderá livrar dos baixos preços do vinho?

Pois o caso é simples, extremamente simples, pelo menos em teoria.

Se submetermos inteligentemente o vinho verde ao calor, *ao calor dos trópicos*, ele poderá escoar-se em grandes quantidades e a preços bastante compensadores.

Como todos nós sabemos, é grande o número de pessoas que, tendo provado o verde, o ficam a preferir a qualquer outra bebida.

Mas é sobretudo no Verão que o nosso vinho patenteia bem as suas qualidades excepcionais.

Leve, acidulado, pouco alcoólico, com a sua característica e inconfundível agulha, é uma bebida deliciosa para a época estival.

De facto, quando o calor aperta e a comida é bem temperada, nada há que substitua dois ou três copos de vinho verde para lhe fazer um acompanhamento condigno; e quem diz dois ou três diz três ou quatro, quatro ou cinco, etc., etc., conforme as necessidades da rega e as possibilidades do estômago e da cabeça dos interessados.

É certo que um bom vinho maduro também sabe bem, pode até saber melhor, sobretudo no tempo frio. Mas aí daquele que, sem o devido treino, tente substituir os quatro, cinco ou mais copos do quase inofensivo verde por outros tantos do pérfido maduro.

Suponho que uma boa parte dos leitores concordará comigo, por ter a experiência, e que outra parte também concorde, rendida à força dos meus argumentos. Quanto aos restantes, apenas os aconselho a que façam a experiência, e que, depois, me digam se tenho ou não razão.

Mas, mesmo que admitíssemos que só os minhotos é que gostam do verde, quanto vinho se não venderia nas nossas possessões ultramarinas se ele aí chegasse relativamente barato e em boas condições! E quem diz as nossas possessões diz também o Brasil e todas as terras quentes onde o filho do Norte labuta, para levantar a cabeça.

Infelizmente, como vão ver, o vinho verde, além de muitas vezes ser de fraca qualidade, chega às regiões quentes por

preços proibitivos. E o bom minhoto, embora o prefira, bebe cerveja, que lhe fica um pouco mais barata.

Não possuo elementos sobre o que se passa actualmente quanto à exportação do vinho verde. Terei de me reportar ao que acontecia aqui há uns sete anos, lançando mão dum relatório dum colega sobre os encargos do vinho, que em 1956-1957, daqui seguia para Moçambique.

Oxalá que, de então para cá, as coisas se tivessem simplificado; porque triste

des viagens; quando embarcando em Matosinhos, se fazia resolutamente ao mar, em demanda das terras de Lourenço Marques.

Ei-las resumidas num quadro bastante completo e que, certamente, não deu pouco trabalho a quem o elaborou.

Parece impossível mas a verdade é que se somarmos todas as alcavalas, alcavalinhas e alcavalonas, obtemos números que vão de doze a treze (longe vá o agoiro!) conforme se trata de vinhos em

Encargos	Vinho		GARRAFÃO (5 lit)		GARRAFA	
	BARRIL (100 lit.)		Branco	Tinto	Branco	Tinto
Preço do vinho em armazém	294\$00	190\$50	14\$50	11\$80	6\$00	5\$10
Custo da vasilha.	50\$00	50\$00	13\$75	13\$77	2\$66	2\$66
Embalagens	—	—	—	—	1\$20	1\$20
Rolhas, rótulos e cápsulas	\$12,5	\$12,5	\$70	\$70	\$72	\$72
Transporte, armazém-cais	2\$40	2\$40	\$14	\$14	\$04	\$04
Certificados de origem e análise	1\$30	1\$30	\$24	\$24	\$06,6	\$06,6
Despachante na origem	11\$00	11\$00	1\$95	1\$95	\$56	\$56
Direitos de exportação.	1\$65	1\$65	\$21	\$21	\$08	\$08
Frete marítimo	121\$00	121\$00	9\$46	9\$46	2\$75	2\$75
Seguros	15\$80	12\$30	1\$64	1\$38	\$46	\$44
Direitos de importação	67\$25	67\$25	4\$00	4\$00	\$74	\$74
Despachante no destino	7\$00	7\$00	1\$25	1\$25	\$38	\$38
Transporte cais-armazém	5\$40	5\$40	\$32	\$32	\$09	\$09
Percentagem ao agente.	40\$00	28\$50	3\$50	3\$20	1\$30	1\$20
Totais	616\$92,5	498\$42,5	51\$66	48\$42	17\$04,6	16\$02,6

é dizê-lo, o nosso verde, embora seja um fraco, quanto ao álcool, não deixa de ser um valentão ao atravessar o mar.

Qual segundo Ulisses, encontra, na viagem, inúmeras dificuldades.

Nenhuma o detem. Mas (suprema desgraça!) ao vencer a última, encontra-se tão sobrecarregado de encargos que muitos dos seus mais fervorosos amigos o repelem, assustados com o seu preço.

Vejamos então o que se passava com o vinho verde aqui há uns anos atrás, quando empreendia uma das suas gran-

barris de 100 litros ou em garrafas de 0,75 litros.

Mas o pior não é o conjunto dessas pequices: é o preço por que elas ficam.

De facto o vinho chega ao destino por cerca de duas a quatro vezes o seu preço de custo, sendo necessário dispendir com ele entre 3\$00 a 14\$60 por litro conforme os casos extremos (tinto em barris de 100 litros e branco em garrafas de 0,75 litros).

Como sou uma pessoa com um bocadinho de má língua, dispenso-me de fazer

comentários, deixando esse curioso trabalho ao cargo dos meus caros leitores.

Apenas direi aquilo que julgo necessário fazer-se para atalhar o mal, e, francamente, não ficarei muito ufano com a façanha; de facto trata-se de receitas muito simples, que qualquer pessoa pouco esperta pode dar sem precisar de estafar muito o miolo.

O que é que, afinal, torna o vinho tão caro, não falando, evidentemente nos retalhistas? São três, apenas três coisas: as alcavalas, as vasilhas e o transporte. Analisemos cada uma delas.

As alcavalas

É claro que o melhor remédio, 100 o/o eficaz, como agora se diz, seria pura e simplesmente acabar com elas.

Mas a verdade é que, desde que os filhos de Adão enveredaram pelo caminho da Civilização, a Alcavala surgiu, enraizou e começou a multiplicar-se, por vezes de forma assustadora, fazendo parte integrante da sua vida.

Porém tudo tem limites; e o seu alargamento ou encurtamento é, precisamente uma das coisas que nos permitem avaliar o bom senso e a inteligência dos homens.

Ora, das tais 12 ou 13 alcavalas, algumas, tais como os transportes e os seguros, são necessárias.

Mas as outras? Não seria possível eliminá-las ou, pelo menos reduzi-las ao mínimo?

Não seria viável e aconselhável deixarem *uns* de ter *lucros* para que *muitos*, uma grande parte dos vinicultores minhos, não tivesse *prejuízos*?

Vasilhame e Transporte

São duas as causas do encarecimento do vinho exportado mas, como adiante se verá, quase que se poderiam resumir em uma só.

Analisando o quadro acima apontado vê-se que a natureza do vasilhame faz variar muitíssimo os preços.

Assim, números redondos, ao passo que os 0,75 litros de vinho engarrafados

custam 16\$00 e 17\$00, cada litro, dos barris, fica por 5\$00 e 6\$00⁽¹⁾.

Todo o vasilhame, diga-se de passagem é para inutilizar, visto que não é económica a sua devolução para a Metrópole.

Portanto, já que o vinho fica tanto mais barato quanto maiores são as vasilhas, já que elas são para inutilizar, o melhor seria evitá-las, utilizando, para transporte, navios cisternas.

Esses navios, ao chegarem ao destino, acostavam e trasfegava-se o vinho para vasilhas adequadas, tal como se faz com o petróleo; e, no regresso, podiam vir carregados com quaisquer mercadorias que não prejudicassem os reservatórios.

O caso desses navios-tanques ou navios cisternas já foi ventilado. Infelizmente não sei porquê, ainda estamos sem eles.

Estou firmemente convencido de que, com boa vontade, com aquele espírito associativo que estamos longe de possuir e que tanta falta nos faz, o caso se resolveria e daria ótimos resultados.

Se o petróleo, que não é um produto caro, dá lucro mesmo fazendo viagens tão grandes, porque diabo é que o vinho o não há-de dar?

Eu bem sei que os navios-cisternas são caríssimos e que, se o Estado se encarregasse de os adquirir e pôr a navegar, isso seria o ideal para os nossos vinicultores. Mas, com franqueza, está bem que o Estado os ajude mas também é necessário que os agricultores se mexam, que tomem iniciativas e que não tenham medo de assumir responsabilidades.

De resto é isso o que se faz nos países adiantados.

Se assim não fosse ai do que seria, por exemplo, dos agricultores da Dinamarca. Nesse progressivo país as cooperativas agrícolas são tantas e tão grandes que, se o Governo tivesse de olhar por elas, provavelmente não lhe sobejaria tempo para ... governar!

Oxalá que o nosso agricultor minhoto saia, quanto antes, da grande apatia em que até agora, tem vivido.

Oxalá que ele não seja como o do Alto Douro, que precisou dos Ingleses

(Conclui na pág. 704)

(1) Note-se que o retalhista, lá, não se contenta com uma margem de lucro pequena.

VINDIMAS À PORTA

(Conclusão do n.º 2502, pág. 656)

Tratamento de vasilhas avinagradas

TRATAMENTO N.º 4

Para desinfectar uma vasilha com cheiro a vinagre ou «pique» ou que tenha tido vinho que se tenha avinagrado ou simplesmente de **(onde se tenha estado a tirar durante bastante tempo o vinho para gasto de casa)**, ou ainda, em que se tenha mandado vinho para venda a retalho, procede-se do seguinte modo:

a) para vasilhas pequenas

— Se a vasilha tem pouco sarro, aplicar o tratamento a seguir indicado, usando de todas as vezes a corrente;

— Se a vasilha não foi recentemente dessarrada, destampá-la e raspar cuidadosamente todo o sarro.

b) vasilhas com portinhola

Dessarrar cuidadosamente e aplicar o tratamento a seguir indicado.

Tratamento: 1.º — Rebola-se ou esfrega-se com vassoura de piaçaba, usando a solução:

Água fervente	10 litros
Carbonato de sódio	1 quilo

2.º Lava-se com água fresca e limpa, até esta sair clara.

3.º Repetem-se estas operações até que desapareça qualquer cheiro a azedia.

4.º Deixa-se escorrer de um dia para o outro e sulfura-se abundantemente três

vezes com dois dias de intervalo entre cada sulfuração, empregando de preferência o mechador ou sulfurador.

Tratamento de vasilhas que contiveram vinhos doentes ou atacados de bolores

TRATAMENTO N.º 5

Vasilhas que contiveram vinhos doentes

As doenças dos vinhos são devidas a micróbios, seres pequeníssimos que com toda a facilidade se entranham na madeira das aduelas. Assim, quando um vinho se estraga ou é invadido por doença, há necessidade de desinfectar as vasilhas, de forma a destruir todos os agentes doentios que contenham.

Vasilhas com bolores

Os bolores nas vasilhas, consequência de as deixar ficar com borras, de batoqueiras abertas ou destampadas, ou de as fechar incompletamente secas sem as sulfurar, são sempre difíceis de tratamento principalmente quando este defeito não se atalha logo de início.

No caso de ataques recentes ou pouco intensos de bolores, aplicar o tratamento a seguir indicado, recorrendo à carbonização das aduelas nos casos mais graves.

Descoramento de vasilhas

Quando se deseje pôr a vinho branco uma vasilha servida a vinho tinto, deve efectuar-se o tratamento abaixo indicado.

Tratamento:— a) Vasilhas com por-tinhola.

1.º Dessarrar a vasilha de modo a ficar a madeira à vista e lavar bem com água fria;

2.º Ainda com a vasilha húmida esfregar enèrgicamente todo o interior com vassoura ou escova de piaçaba usando a solução

Água fervente 10 litros
Carbonato de sódio 1 quilo

até que todo o cheiro estranho desapareça;

3.º Lavar abundantemente com água fria;

4.º Deixar escorrer e pincelar agora com

Água 10 litros
Ácido clorídrico 1/2 »

Esta mistura não pode ser preparada em vasilha metálica, convindo empregar caneco ou alguidar de barro vidrado.

5.º Esfregar a vasilha demoradamente com

Água fervente 10 litros
Permanganato de potássio . . . 100 grs

Esta solução prepara-se numa vasilha de folha ou barro vidrado e nunca de madeira, e só se emprega enquanto man-tiver a cor vermelha intensa própria do permanganato. Quando ficar castanha deixa de ter acção e deve ser substituída por solução fresca;

6.º Lavar abundantemente com água fria até que esta saia incolor;

7.º Esfregar em seguida com

Água 10 litros
Metabissulfito de potássio . . . 1/2 quilo

8.º Lavar com água fria, deixar escor-rer durante 24 horas e mechar fortemente com mechador ou sulfurador.

b) vasilhas sem portinhola

Se a vasilha não foi há pouco dessar-rada, destampá-la para a raspar conve-

nientemente e em seguida prodecer ao tratamento indicado anteriormente em a).

Se a vasilha não tem sarro proceder então do seguinte modo:

1.º Lavar abundantemente com água fria;

2.º Introduzir pela batoqueira o ca-deado, ou na falta deste pequenas pedras bem lavadas (cascalho miúdo), juntamente com a solução

Água 10 litros
Carbonato de sódio 1 decil

Rebola-se a vasilha de modo a bater fortemente todo o seu interior com esta solução, não esquecendo os tamos.

Este tratamento deve demorar cerca de 1/4 de hora;

3.º Lavar com água fria até a água sair limpa;

4.º Introduzir agora pela batoqueira a seguinte solução:

Água 2 litros
Ácido clorídrico 1 decil

e rebolar até molhar todo o interior do casco ou pipa.

Deixar escorrer todo o excedente.

5.º Preparar por cada 100 litros de capacidade, a solução

Água fervente 5 litros
Permanganato de potássio . . . 10 grs

6.º Deitar toda a solução na vasilha, rebolando-a demoradamente e vascole-jando com força;

7.º Lavar abundantemente com água fria até sair limpa;

Deixar escorrer não esquecendo tirar a cadeia ou as pedras.

8.º Rebolar seguidamente a vasilha contendo a solução

Água 1 litro
Metabissulfito de potássio . . . 100 grs

9.º Lavar com água fria, deixar secar durante 24 horas e mechar fortemente com mechador ou sulfurador.

Parafinagem de vasilhas

TRATAMENTO N.º 6

Quando se não tenha confiança no resultado dos tratamentos, quando se queira pôr a vinho branco uma vasilha servida a tinto, ou quando se trate de vasilhas construídas de madeira muito porosa, deve recorrer-se à parafinagem, que isola a madeira e garante uma vedação perfeita.

É hábito, no último caso, esfregar interiormente as aduelas com carne gorda de porco, prática condenável em absoluto. De facto, a gordura rança com facilidade e transmite ao vinho um aroma e paladar estranhos e desagradáveis.

O modo de proceder à parafinagem duma vasilha é o seguinte:

1.º Dessarrar, lavar e desinfecar convenientemente; **deixar secar muito bem;**

2.º Aquecer a parafina a banho-maria até a derreter por completo, conservando-a sempre bastante quente enquanto durar a aplicação.

A parafina deve ser de boa qualidade, isto é, sem gosto nem cheiro a petróleo e de ponto de fusão elevado (60º-C).

Quanto à quantidade necessária, gaste-se na aplicação a pincel cerca de meio quilo por pipa de capacidade, enquanto que, nas vasilhas em que se aplica por baldeação, se devem empregar 3 a 4 quilos por pipa de capacidade, dos quais tornam a sair 2 a 2,5 quilos.

3.º— a) Tratando-se de pipas ou vasilhas pequenas sem portinhola, deita-se a parafina derretida e o mais quente possível, pela batoqueira, baldeia-se de forma que toda a superfície interna, incluindo os tampos, fique coberta e deixa-se escorrer o excesso pela batoqueira; a operação tem que ser rápida para a parafina não solidificar.

b) Em vasilhas grandes com portinhola, a parafina é aplicada com um pincel ou trincha, em duas demãos cruzadas, isto é, uma ao comprido e outra de alto

a baixo da vasilha; esta deve ser previamente aquecida interiormente por meio de um simples recipiente contendo brasas.

Não esquecer que as paredes da vasilha devem estar bem secas, doutra forma a parafina não adere.

Afrancamento de vasilhas há muito fora de uso

TRATAMENTO N.º 7

Quando uma vasilha deixa de servir vários anos, além da madeira se dessecar profundamente, toma um cheiro característico a «velho», devendo haver todo o cuidado com a sua preparação quando de novo tenha de conter vinho.

Indicam-se os processos a usar em vasilhas com ou sem portinhola.

a) Vasilhas com portinhola

1.º Raspar toda a vasilha de modo a desembaraçá-la de todo o sarro e substâncias estranhas à madeira.

2.º Conservá-la durante alguns dias humedecida para a madeira inchar, cobrindo-a de sacos molhados e borrifando frequentemente a parte interior.

3.º Proceder a um enérgico suadoiro feito com a solução:

Água fervente	10 litros
Carbonato de sódio	1 quilo

4.º Logo que a temperatura no interior da vasilha o permita, esfregar demoradamente com escova rija de piaçaba, aproveitando a mesma solução.

5.º Lavar abundantemente com água fria até esta sair limpa.

6.º Verificar a vedação e certificar-se de que não possui qualquer cheiro estranho que obrigue a tratamento especial.

No caso de madeira muito ressequida em que não seja possível obter uma vedação perfeita, recorrer ao trabalho de tanoeiro.

7.º Deixar secar e mechar fortemente

(Conclui na pág. 697)

Reflexões sobre as Jornadas

Cerealíferas e Leiteiras de Lisboa, realizadas em Junho de 1963

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS

Eng. Silvicultor

NAS recentes Jornadas Cerealíferas e Leiteiras realizadas em Lisboa no passado mês de Junho de 1963, mais uma vez a lavoura apelou para que seja dada solução à crise em que se encontra. Assunto já muito debatido e do conhecimento de todas as camadas da população portuguesa, a crise da nossa lavoura foi desta vez analisada em ambiente franco e livre por lavradores e responsáveis das suas organizações vigentes. Foi talvez este o maior mérito das jornadas, pois aos lavradores foi possível reunirem-se e falarem sem coacção, nem limitações e, não abusando da liberdade que lhes foi consentida, souberam aproveitá-la para apontarem os seus males e reclamarem as devidas soluções, que na conjectura presente reconhecem terem de ser de emergência e não de satisfação plena.

Toda a discussão andou à volta dos preços dos cereais e do leite. E o facto justifica-se porque os preços destes géneros mantêm-se inalteráveis desde há anos, enquanto que os preços de venda do produto industrial têm vindo a sofrer aumentos constantes.

Daqui resultou um desequilíbrio financeiro que se traduz em aumento das despesas efectivas das explorações agrícolas e estabilização das receitas brutas respectivas, o que implica de um modo geral

prejuízos de exercício das actividades da lavoura.

Este estado de coisas é por demais evidente e acarreta consigo consequências de tal gravidade que não pode por mais tempo continuar sem solução. Portugal não é um País rico, ou melhor dizendo, a sua economia ainda não atingiu aquela fase, por todos nós desejada, que o coloque no conjunto das nações francamente desenvolvidas e evoluídas. E se atendermos a este facto não podemos deixar de concordar que o Produto Nacional deve ser reparado o mais equitativamente possível, porque sendo todos nós a contribuir para ele com o nosso trabalho, ele é demasiado pequeno para ser fraccionado em quinhões desiguais pelas diferentes camadas da nossa população.

Como se compreende e se pode admitir como justa a triste realidade de apenas caber à lavoura cerca de 25% do Rendimento Nacional, se ela emprega ainda presentemente quase metade da população activa portuguesa?

Desfalcada assim nas receitas e injustamente sacrificada no interesse de uma indústria, que é preciso amparar e fomentar, mas a que há que negar direitos de colonização, é, no entanto, a lavoura que maior contribuição presta para o equilíbrio da nossa balança comercial com o estrangeiro.

É a cortiça, são as madeiras e é o vinho que mais contribuem para cobrir os gastos com importações, a que não nos podemos furtar, muito embora alguns dos artigos pagos com estes produtos não possam ser usados pela lavoura por falta de meios financeiros.

E as possibilidades da lavoura neste campo ainda não estão esgotadas. Muitos outros produtos agrícolas podem ser exportados se os mercados internacionais forem trabalhados e houver seriedade nas transacções e à lavoura for dada assistência e incentivo para enveredar para uma economia de mercado, mais próspera para si e mais de acordo com os verdadeiros interesses do País.

Se à lavoura forem criadas condições, dando-se preparação cultural e técnica à juventude dos campos, planeando-se a exploração da terra à escala regional, facilitando-se o crédito em condições aceitáveis e dentro das necessidades das empresas agrícolas, fomentando-se a investigação e a experimentação nos domínios da agronomia, da silvicultura e da pecuária, talvez que tenhamos de importar do estrangeiro maiores quantidades de trigo, mas certamente que deixaremos também de fazer importações de carne, de couros, de arroz e de batata; com toda a certeza Portugal passaria ainda a marcar posição mais destacada como exportador de madeiras e seus derivados e poderia exportar também fruta e produtos hortícolas, além de possíveis excedentes das suas produções de milho e arroz.

Se a par de tudo isto fosse seguida no mercado interno igual política de preços para os produtos da lavoura e da indústria, as possibilidades de venda dos artigos industriais seriam consideravelmente aumentadas, pois melhorando-se o nível de vida dos lavradores alargar-se-ia a contento de todos o mercado da indústria.

O poder aquisitivo das gentes de Portugal é de uma maneira geral baixo, podendo mesmo considerar-se muitíssimo precário o poder de compra de todos quantos na agricultura alicerçam a sua actividade e buscam as suas fontes de receita.

Forçada, portanto, a lavoura a uma economia de subsistência, mesmo assim nem sempre satisfeita para os elementos

econòmicamente mais débeis da sua população, o trabalhador e o pequeno empresário familiar, ela não pode fazer face a muitas das suas necessidades de bens de origem industrial, o que limita o campo do comércio e também o da indústria.

Neste último caso, indústrias há, como as do vestuário e a do calçado, que são bem um reflexo da situação presente, vindo desde há anos a viver com dificuldades por falta de mercado que absorva os seus produtos. E, no entanto, não por desleixo, como alguns querem fazer crer, mas só porque não têm dinheiro para satisfazerem as suas necessidades de vestuário e calçado, os habitantes das aldeias andam mal vestidos e muitos andam descalços.

Além do vestuário e do calçado, outros artigos há de fabrico nacional a par de outros de importação do estrangeiro, que à gente do campo também fazem falta, mas que à mingua de recursos não pode adquirir.

Daqui se infere que se a vida económica da lavoura portuguesa melhorar, esta melhoria irá trazer consigo um grande incremento do mercado interno, com movimento de bens e capitais, tornando assim mais ampla e mais próspera a actividade do comércio e abrindo novos horizontes a alguns ramos da indústria nacional que hoje também já vivem em ambiente de asfixia e de crise.

Fala-se da má situação da lavoura e nas Jornadas Cerealíferas e Leiteiras de Lisboa, que foram organizadas pela Corporação da Lavoura, só dos problemas dos agricultores se curou tratar.

A lavoura queixou-se então dos males que a afligem e num rosário de queixumes, trespassados por sintomas evidentes de dor, embora sempre apresentados com resignação e respeito pelos interesses alheios, os lavradores pediram como remédio para os seus males aumentos de preço para alguns dos produtos das suas lavras, denominadamente os cereais e o leite.

Infelizmente, no entanto, a questão foi mal posta e, se analisarmos melhor o problema posto em discussão, teremos que concluir que à lavoura não interessa a subida de preço dos seus produtos. Interessa-lhe sobretudo e antes a elevação

das suas condições de vida, do seu nível cultural e do seu poder de compra.

A lavoura pediu aumentos de preços, porque não sabe, ou pelo menos não pensou convenientemente, que a subida de preço dos géneros alimentícios acarreta consigo o agravamento da vida do operariado e do funcionalismo público, que como sabemos também «não corre em nenhum mar de rosas». A lavoura pediu aumentos de preços, mas esqueceu-se que se tal lhe for concedido só a título muito precário lhe dará alguma satisfação, pois é certo que tal medida seria logo seguida do agravamento dos preços dos produtos industriais que tem de adquirir ao comércio, quer para satisfação de necessidades vitais, quer para utilizar no amanho das terras ou na criação de gados. A lavoura pediu aumentos de preços dos géneros que produz, mas esqueceu-se de reclamar a estabilização, ao nível actual, dos preços dos artigos que forçosamente também tem que comprar.

Se a lavoura reflectir há-de concluir que a subida de preço dos seus produtos não lhe interessa, pois apenas lhe convém um equilíbrio de valores entre os produtos que vende e os produtos que compra, entre os serviços que presta e os que tem que solicitar.

Além disto, a lavoura está ainda interessada, fundamentalmente interessada, em elevar o nível da produtividade, tanto da terra, como do trabalho, pois é a via mais fácil que pode trilhar para elevar as receitas das suas explorações, quer se trate de explorações agrícolas, florestais ou pecuárias, ou ainda de explorações mistas.

A lavoura não pensou como convinha nas causas da crise em que vive, nem reflectiu no pedido de aumentos de preços que formulou, pois caso contrário teria solicitado como conclusões gerais das suas Jornadas:

1.º — *Uma política de preços consentânea com os interesses de todas as nossas actividades produtoras e do mercado consumidor, ao abrigo da qual fosse seguido o mesmo critério no tabelamento dos produtos industriais e agrícolas;*

2.º — *Um reajustamento imediato dos preços vigentes praticados no mercado*

interno, que forçosamente teria que onerar mais certos produtos agrícolas, mas que em contrapartida traria o abaixamento obrigatório de vários produtos industriais;

3.º — *Maior incremento da investigação agrária e melhor e mais pronta assistência técnica aos campos;*

4.º — *Mais ampla divulgação da cultura e da instrução, junto da população campesina e o funcionamento de escolas práticas de agricultura e de escolas agrícolas de nível secundário a estabelecer pelo menos e por agora em todos os distritos do País.*

Estas deveriam ter sido a meu ver as conclusões gerais das Jornadas que deveríamos ter apresentado ao Governo. Estas são a meu ver as condições a que urge dar satisfação, para que vejamos a situação da lavoura melhorada.

Preparando a próxima vindima

(Conclusão da pág. 694)

de preferência com mechador ou sulfurator.

b) Vasilhas sem portinhola

1.º Lavar com água fria, em abundância; deixar ficar alguns litros dentro, colocar a vasilha ao alto e encher o tampo superior com água.

Deixar assim a vasilha durante 2 a 3 dias para que a madeira inche convenientemente.

2.º Aliviar os arcos se for necessário, e proceder a um enérgico suadoiro com:

Água fervente	10 litros
Carbonato de sódio	1 quilo

rebolando a vasilha e fazendo uso da corrente ou de pequenas pedras que se introduzem pela batoqueira.

3.º Lavar abundantemente com água fria até esta sair limpa e não esquecer tirar a corrente ou as pedras.

4.º Apertar os arcos, verificar a vedação da vasilha e certificar-se que não possui qualquer cheiro estranho que obrigue a tratamento especial.

5.º Deixar secar durante 24 horas e mechar fortemente de preferência com mechador ou sulfurator.

Vasilhas de conservação de vinhos

Depósitos de cimento armado

A evolução que as vasilhas de conservação do vinho tem tido através dos tempos é muito grande e condicionada, como é evidente, às possibilidades de construção e de materiais que os homens têm tido à sua disposição.

Desde as ânforas de barro cozido e os odres, sem dúvida os primeiros recipientes usados na conservação do vinho, até às vasilhas de aduela de madeira, primeiro com arcos feitos de varas fendidas de carvalho ou castanheiro e mais tarde com arcos de ferro, até aos recentes depósitos de cimento armado e às recentíssimas cubas metálicas (aços revestidos



ou aços inoxidáveis), a evolução tem sido grande, traduzindo sempre o aperfeiçoamento das técnicas que os homens através de gerações vão descobrindo.

Dentro da técnica de construção do cimento armado, vão-se aperfeiçoando os processos construtivos o que permite, sem reduzir a segurança, aligeirar dentro de certos limites as espessuras das paredes. São esses aperfeiçoamentos que consentem já hoje a construção de depósitos em cimento armado móveis e de dimen-

sões apreciáveis, se bem que sempre reduzidas.

As vantagens do cimento armado, que só atingem a plenitude no caso das grandes capacidades, as cubas móveis aliam estarem ao alcance dos pequenos produtores e a preços acessíveis, e poderem ser removidas quando necessário.

São já vários os construtores desses depósitos entre nós e quando bem concebidos, com as «armaduras» convenientes, paredes bem vibradas e «massas» próprias, dão boa satisfação e são de preço acessível.

Não se esqueça entretanto que, se o cimento armado tem vantagens, tem também defeitos que obrigam a um trabalho de adegas adequado. Assim, se se destinam a vinhos tintos devem ser cuidadosamente tartarizadas, *sendo de excluir todo e qualquer outro tratamento*, como silicatagem, fluo-silicatagem, etc. Se se destinam a vinhos brancos precisam já de revestimentos especiais que garantam uma perfeita inércia em relação ao vinho e uma total resistência ao anidrido sulfuroso que estes vinhos terão sempre que apresentar no estado livre.

As cubas móveis de cimento armado são apresentadas entre nós em forma paralelepípedica e mais recentemente de forma cilíndrica, solução esta em que se obtém o máximo relativo de resistência em igualdade de «armaduras» ou o que é o mesmo, em que a resistência conveniente se obtém com o mínimo de «armadura».

O pequeno vinicultor tem assim hoje ao seu alcance um material de adegas que, sabendo tirar dele o partido possível, dá inteira satisfação.

São vários os construtores que entre nós oferecem este material. Há-os, que saibamos, em Almeirim, em Torres Vedras, em Tomar e em Vila Nova de Famalicão.

PRAGAS FLORESTAIS

PINHEIROS

Por FRANCISCO DE AZEVEDO E SILVA
Eng. Silvicultor

ENTRE as árvores florestais portuguesas, o "Pinheiro bravo" cientificamente conhecido por *Pinus Pinaster* Ait. é com certeza a mais conhecida pois está espalhada de Norte a Sul e cobre aproximadamente 1 200 000 ha ou seja cerca de 11 % da área total do nosso País. É uma espécie muito rústica e aproveita quase todos os solos pobres demais para qualquer outra cultura.

A sua utilidade é por demais conhecida e não necessita explicações.

No entanto, o pinheiro como todos os seres vivos, está sujeito a ataques de doenças e de insectos e parece útil indicar alguns destes últimos, descrevendo-os e indicando sempre que possível os modos de evitar ou diminuir os prejuizos que esses insectos possam causar.

Não é possível num só artigo tratar de todas as pragas dos pinheiros mas, a pouco e pouco, tentar-se-á enumerar algumas das mais importantes e das quais seja útil dar a conhecer o que já se conseguiu apurar.

Como acontece com os animais, também as plantas enfraquecidas por qualquer causa, são mais facilmente atacadas, quer por doenças, quer por insectos. É bem conhecida a frase: «Perdigão perdeu a pena, não há mal que lhe não venha».

É bom não esquecer que, embora expressa de uma forma pitoresca e pouco científica, há muita verdade naquela asser-

ção que modernamente ainda mais se tem confirmado.

E, feita esta breve introdução e sem grandes preocupações quanto à ordem de importância relativa dos diversos insectos nocivos, comecemos por estudar a "Hilésina".

Hilésina

Embora bastante frequente, não é muito conhecida, não só devido às suas pequenas dimensões mas também porque os seus estragos não são facilmente visíveis. Pode no entanto causar prejuizos importantes e até, em casos extremos, quase impossibilitar a cultura do pinheiro.

Este insecto é bastante comum em Portugal e ataca os pinheiros manso, bravo, silvestre e de Alepo. Os seus ataques são muito prejudiciais pois incidem não só nas árvores enfraquecidas dos 10 anos em diante, nos pinheiros abatidos ou secos, nos cepos, mas ainda e principalmente nos lançamentos do ano. É este último caso que se pôde observar na Mata do Urso em pinheiros com a idade máxima de cerca de 8 anos.

O tratamento mais indicado, e que não tem os inconvenientes da aplicação de insecticidas, é o da limpeza dos locais atacados de todos os materiais lenhosos abandonados e o corte dos pinheiros doentes e sem futuro. De facto, todas as ramas, troncos e árvores em mau estado

vegetativo podem-se considerar verdadeiros viveiros de "Hilésinas".

Estas limpezas devem ser feitas, para darem resultado, antes da época da saída dos adultos, quer dizer o mais tardar até ao fim de Maio e nunca antes de Março.

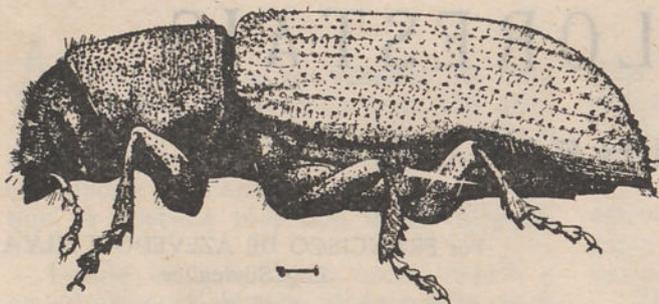


Fig. 1 — Adulto de Hilésina (ampliado 16 vezes). O traço com 5 mm indica o tamanho natural

Assim antes do fim de Maio deve-se retirar todo o material lenhoso morto, ou pelo menos descascá-lo e queimar as cascas; as árvores doentes deverão ser abatidas e descascadas e as cascas também queimadas.

Resumidamente e segundo Charadas⁽¹⁾ as condições que favorecem a propagação dos Escolitídeos, família de insectos a que pertence a "Hilésina", são as seguintes:

1 — Os Escolitídeos são atraídos pelas árvores enfraquecidas desde que estas mantenham as suas propriedades físicas e químicas características: seiva em circulação e casca fresca;

2 — O escorrimento da resina, consequência de uma ferida da casca, aumenta a atracção dos Escolitídeos que fazem a postura, não nesses derramamentos, mas nas suas proximidades;

3 — A humidade da árvore tem igualmente um papel importante, as árvores muito secas nunca exercem atracção;

4 — A orientação e iluminação intervem no sentido da atracção ser favorecida pela acção calorífica do sol sobre a planta hospedeira;

5 — Finalmente, as árvores em pé são

⁽¹⁾ Charadas, C 1962 — *Étude biologique des Scolytides des Conifères*: 504.

em geral mais atacadas que as abatidas pois nas primeiras os insectos dispõem duma maior superfície e, principalmente, encontram-nas em pleno voo; entretanto as árvores em pé ou no chão só podem atrair os Escolitídeos se ainda tiverem circulação de seiva no momento de enxameação ou saída dos adultos.

Os prejuízos causados pela "Hilésina" são muito importantes, pois, além de atacar os troncos provocando deficiências de circulação da seiva e até o descolamento da casca, destrói muitos raminhos novos e alguns gomos terminais o que, devido à dificuldade que o pinheiro tem em desenvolver gomos dormentes, causa desequilíbrios fisiológicos que muito o enfraquecem.

As árvores nesse estado são presa fácil para outras pragas que depressa as matam.

Em consequência do ataque destes insectos, o pinheiro obrigado a desenvolver os gomos dormentes, perde a forma característica assumindo a de cipreste, o que levou Linneu a dar-lhe o nome de *hortulanus naturae*. Os alemães chamam

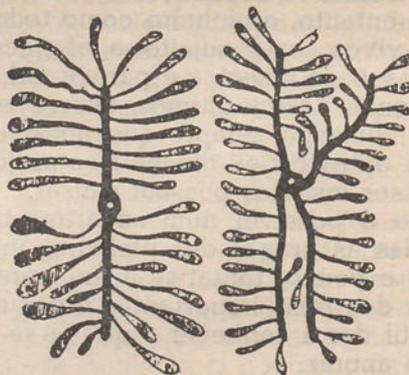


Fig. 2 — Galerias de postura — vertical, e das larvas — horizontais

a este insecto "Waldgärtner", quer dizer "Jardineiro da Mata" visto praticar jardinagem pela destruição dos raminhos.

Por todas estas razões, e, porque as árvores fracas e mesmo os ramos e lenhas são preferidos, é que se recomenda a lim-

peza dos pinhais e o corte, descasque e queima de todo o material lenhoso existente nos pinhais, antes de Abril.

É importantíssimo saber escolher a época tanto quanto possível exacta em que se devem fazer aquelas limpezas e é por essa razão que é aconselhável a inspecção local da evolução da praga para melhor conhecer qual é a ocasião mais própria para o emprego dos meios preventivos e repressivos do ataque destes insectos.

Posto isto seguem-se alguns dados sobre a classificação, descrição e biologia da "Hilésina" que ajudarão a melhor compreender as medidas de combate já aconselhadas.

Nome científico: *Myelophilus* (= *Blas-tophagus*) *piniperda* L.. Pertence à ordem Coleóptera, família Scolytidæ.

Morfologia dos diversos estados

1—Ovos: Pequenos, ovais, brancos e brilhantes. Devem-se encontrar nos meses de Janeiro e Fevereiro, conforme o decorrer do tempo, nas galerias entre a casca o liber.

2—Larvas: Comprimento máximo cerca de 7 mm, semelhante à dos curculionídeos (gorgulhos), mas mais delgadas e menos pubescentes, encurvadas, com pregas, carnudas. Cabeça acastanhada e fortes mandíbulas. Vivem em galerias de Fevereiro a Maio, mais tarde ou mais cedo conforme as condições ambientes.

3—Ninfas: Livres, nuas, brancas tornando-se amarelas: Corpo com vários pêlos e tubérculos. Aparência geral semelhante à dos curculionídeos (gorgulhos).

4—Adultos: Ao emergirem da pupa, provavelmente em fins de Junho, são esbranquiçados mas depressa escurecem. Comprimento 4 a 5 mm. Cabeça e protórax pretos, élitros cor de ferrugem pelo menos em parte. Configuração geral ovóide, alongada, finamente pubescente. Patas escuras com a extremidade das tíbias e dos tarsos avermelhados (fig. 1).

O macho distingue-se da fêmea por ser um bocado mais pequeno e ter as impressões dos élitros mais profundas.

A maturação sexual dos adultos de-

mora um certo tempo após o insecto já estar exteriormente completamente desenvolvido.

Biologia

Pelo que se conhece a primeira geração deve começar em Janeiro e Fevereiro com a postura dos ovos dando ori-



Fig. 3 — Orifícios de entrada para as galerias de alimentação dos adultos, neste caso, quatro

gem às larvas que atingirão o estado adulto em Junho-Julho⁽¹⁾.

A segunda geração, se existir, deve estar concluída em Maio ou Junho e não se sabe se haverá ainda uma terceira, o que parece provável, especialmente no Algarve.

A evolução desta espécie pode resumir-se do seguinte modo: o adulto que hiberna no colo dos pinheiros, na terra,

(Continua na pág. 707)

(1) Em casos excepcionais, Invernos muito amenos, podem aparecer adultos em Março-Abril.

A raça porcina

«FONTE-BOA MALHADA»

Por JOSÉ CARRILHO CHAVES
Médico Veterinário

REALIZOU-SE em 25 de Junho o XIX Concurso Pecuário de Alcobaça, com o habitual brilhantismo, apesar de ter sido antecipado por motivos de ordem sanitária, cerca de dois meses, pois efectuava-se no decurso da Feira de S. Bernardo.

Há uns anos atrás, devido à Febre Aftosa, e no passado ano, por causa da Peste Suína Africana, não se efectuou este certame, por isso a Direcção do Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça, entendeu por bem, antecipar a data, porque a continuidade do concurso assim o exigia, e como todos sabemos é no Verão principalmente que eclodem certas epizootias, que inibem a concentração e até a saída para a via pública de algumas espécies pecuárias. Ora o concurso de Alcobaça, não pode estar à mercê dessas contingências. Não se trata duma simples exposição ou concurso de «belezas pecuárias». A sua acção tornou-se fecunda e decisiva no melhoramento do armento da região. Trata-se dum trabalho iniciado há mais de quatro lustros, e todos sabemos que em zootécnia, muitos dos problemas são a longo prazo, e não podem ter soluções de continuidade.

Talvez se pudesse supor em princípio, que o número de inscrições sofresse redução, dado que o dia 25 de Junho não é dia santo ou dia de mercado regional, mas antes pelo contrário, ultrapassaram em número e em qualidade as dos anos ante-

riores, o que é um motivo de orgulho justificado para os organizadores.

O Concurso Pecuário de Alcobaça, vale pelos méritos próprios, e não como uma atracção da Feira de S. Bernardo.

A Comissão de Honra deste certame, presidiu o eng. Mário dos Santos Galo, Governador Civil-substituto, da qual faziam parte os Ex.mos Srs.: Coronel José Pereira Pascoal, presidente da Junta Distrital; Jaime Pacheco Junqueiro, presidente da Câmara Municipal de Alcobaça; dr. João Botelho Moniz, presidente da Câmara Municipal de Caldas da Rainha e presidente do Grémio da Lavoura da mesma localidade; 1.º Tenente Jacinto Gomes Rosa, presidente da Câmara Municipal de Nazaré; dr. Matos Leiria, representando a Junta Nacional dos Produtos Pecuários; dr. Abreu e Silva, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em Leiria; eng. Monte Pereira, inspector da III Zona Agrícola; dr. Joaquim Portugal, director da Estação Zootécnica Nacional, representando o director-geral dos Serviços Pecuários; eng. Álvaro Bobone, representando o director-geral dos Serviços Agrícolas; Joaquim Ferreira Guimarães, presidente do Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça; dr. Silva Ascenso e Alberto Gomes Cabço, directores do mesmo Grémio; José Alves de Matos, presidente do Grémio da Lavoura de Leiria; eng. Columbano Taveira Fernandes, investigador do Centro de Estudos do Castanheiro e

Eucalipto; eng. Armando Morais da Silva Meneses, director da Escola Técnica de Alcobaça; *Gazeta das Aldeias*, representada pelo signatário, além de muitos outros técnicos agro-pecuários.

O júri presidido pelo sr. dr. Eduardo Gomes Calado, intendente de Pecuária de Leiria, era constituído pelos srs. drs. José Carrilho Ralo, José Figueiredo Monteiro, Paulo Vidal, Lino Neto, José Guerreiro,



Touro de raça charolesa, que obteve o 1.º prémio

Serrano Agostinho, Joaquim da Silva Borrego e Manuel Ramos Franco.

A noite foi oferecido à Comissão de Honra e ao Júri, um banquete em que usaram da palavra o presidente do Município das Caldas da Rainha, o inspector da III Zona Agrícola, o presidente do Grémio da Lavoura de Alcobaça, o director da Estação Zootécnica Nacional, o eng. Columbano Taveira Fernandes, o presidente da Federação dos Grémios da Lavoura, o eng. Álvaro Bobone, o presidente da Câmara Municipal do Concelho de Alcobaça, encerrando a série de discursos, o Governador Civil-substituto.

O sr. dr. Joaquim da Silva Portugal, illustre director da Estação Zootécnica Nacional, brindou a assistência com uma interessante palestra zootécnica ou melhor, uma lição, sobre a nova raça suína criada naquele departamento científico da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

A raça «Fonte-Boa Malhada» é o re-

sultado proficuo e persistente de cerca de oito anos de trabalho, no melhoramento do suíno regional de Alcobaça pelo cruzamento com o Landrace, produzindo animais cujas carcaças atingem esplêndidas pontuações na indústria salsicheira, o que não acontecia com a chamada «raça malhada nacional».

A título informativo vamos apresentar os seguintes dados referentes a um varrasco «Fonte-Boa Malhada»: Idade—cerca de 1 ano; Peso vivo—200kg; Peso limpo—165 kg.

Verifique-se o extraordinário rendimento da referida carcassa, ou seja aproximadamente 82 o/o.

Em face destes extraordinários resultados, a lavoura alcobacense está interessada nesta nova raça porcina.

Para terminarmos, não queremos deixar de felicitar o Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça por mais este êxito, pois sabemos que cada concurso é sempre um êxito a acrescentar a tantos outros.

Lemos não sabemos onde, que dos 256 (salvo erro), grémios da lavoura do País, apenas 5 tinham sido distinguidos pelo Governo da Nação, e entre essa meia dezena, lá vamos encontrar o da Região de Alcobaça, facto que não nos admirou nada, pois sabemos de há muito quanto vale o da Região de Cister, que é apontado como exemplo, em todo o País.

Mais uma vez está de parabens o activo e extraordinário presidente, o nosso particular amigo sr. Ferreira Guimarães.

BOVINOS

Raça Mirandesa—Touros: 1.º prémio ao animal do sr. José C. Caetano, de Chiqueda no valor de 500\$; 2.º prémio 400\$ ao do sr. José Maria, de Benedita; 3.º prémio 300\$ ao do sr. António Casimiro Guerra, de Maiorga; 4.º prémio 200\$ ao do sr. José V. Alexandre, de Pinhal Fanheiro.

Vacas: 1.º premio ao animal do sr. Abílio G. Rodrigues, de Feteira, 500\$; 2.º prémio 400\$ ao do sr. Alberto D. Trindade; 3.º prémio 300\$ ao do sr. João A. Trindade, de Alcobaça; 4.º prémio 200\$

ao do sr. Joaquim L. Vieira, de Cela Velha; e mais 17 prêmios a diversos expositores.

Novilhas: Até ao 1.º desfecho—1.º prêmio 300\$ ao animal do sr. dr. José d'Oliva Monteiro, de Alcobaca; 2.º prêmio 200\$ ao do sr. Olímpio Rodrigues, de Feteira; 3.º prêmio 150\$ ao do sr. João d'Oliva Monteiro; 4.º prêmio 100\$ ao do sr. Emílio dos S. Ruivo, de Casal da Carreira e mais 6 prêmios a diversos expositores.

Novilhas: Com o 2.º desfecho—1.º prêmio 300\$ ao animal do sr. José C. Virtudes, de Casais da Vestiaria; 2.º prêmio 200\$ ao do sr. Joaquim V. Coelho, de Casais da Vestiaria; 3.º prêmios 150\$ ao do sr. José A. Santo, de Casal da Carreira; 4.º prêmio 100\$ ao do sr. António A. Júnior, de Casal da Carreira e mais 2 prêmios.

Raça Turina—Touros: 1.º prêmio menção honrosa ao animal pertencente à Escola Técnica, de Alcobaca; 1.º prêmio 500\$ ao do eng. sr. Armando M. da Silva Meneses, de Alcobaca; 2.º prêmio 400\$ ao do sr. António G. de Carvalho, de Alfeizerão; 3.º prêmio 300\$ ao do sr. Francisco A. Farracho, de Alcobaca.

Novilhas: Dos 10 aos 18 meses—1.º prêmio ao animal pertencente à Escola Técnica, de Alcobaca—menção honrosa e 1 taça oferta da Câmara Municipal de Alcobaca; 1.º prêmio 300\$ ao do sr. Luís C. Santo, de Pinhal Fanheiro e 1 relógio oferta da Cooperativa Agrícola de Alcobaca; 2.º prêmio 200\$ ao do sr. Bento Dias, de Aljubarrota; 3.º prêmio 100\$ ao do sr. Tomás J. Coelho, de Alcobaca.

Novilhas: Dos 10 aos 18 meses—1.º prêmio 300\$ ao animal pertencente à Casa Agrícola Jordão Morais, de Alpedriz; 2.º prêmio 200\$ ao do sr. José Duarte M. Morais; 3.º prêmio 100\$ ao do sr. José V. Alexandre, de Pinhal Fanheiro.

Raças exóticas—Touros Charolês 1.º prêmio ao animal pertencente à Escola Técnica de Alcobaca, 1 menção honrosa.

Touros Hereford: 1.º prêmio 300\$ ao animal pertencente ao sr. Manuel Nogueira Silvestre, de Valbom.

Novilhas Hereford: 1.º prêmio 300\$ ao do sr. Manuel N. Silvestre, de Valbom.

SUÍNOS

Raças nacionais—Varrascos: 1.º prêmio 400\$ ao animal do sr. Guilherme M. de Matos, da Quinta da Caçapa; 2.º prêmio 300\$ ao do sr. Joaquim Carreira, de Casal de Abegão; 3.º prêmio 200\$ ao do sr. Joaquim Pedro, de Casal da Amada. A este concorrente foi-lhe oferecida uma bécora Fonte-Boa oferta da Estação Zootécnica da Fonte-Boa.

Porcas Alfeiras: 1.º prêmios 300\$ ao animal pertencente ao sr. António José Magalhães, de Casal de Abegão.

Raças exóticas Large White—Varrascos: 1.º prêmio 400\$ ao animal pertencente ao sr. Fran-

cisco Casquilho, de Alcobaca; 2.º prêmio 300\$ ao do sr. Américo Vala, de Carrascas; 3.º prêmio 200\$ da Casa Agrícola Jordão Morais, de Alpedriz; 4.º prêmio 100\$ ao do sr. José C. Faustino, de Casal da Eva.

Landrace—Varrascos: 1.º prêmio 400\$ ao animal do sr. Américo Vala, de Carrascas; 2.º prêmio 300\$ ao do sr. Manuel N. Silvestre, de Valbom.

Large White—Porcas Alfeiras: 1.º prêmio 300\$ ao animal pertencente à Casa Agrícola Jordão Morais; 2.º prêmio 200\$ ao da sra. Emília Maria, de Casal da Eva.

Landrace—Porcas Alfeiras: 1.º prêmio 300\$ ao animal pertencente ao sr. Manuel N. Silvestre, de Valbom.

Ninhadas: 1.º prêmio 300\$ pertencente à sra. D. Cármen de Jesus, de Casal do Abegão; 2.º prêmio 200\$ ás do sr. Francisco Casquilho, de Alcobaca.

Na distribuição dos prêmios e no desfile do gado, que foi bem organizado, observaram-se lindos exemplares das raças Mirandesas, Turinas, Charolês e Hereford. Nos suínos observaram-se bons exemplares de Raças Nacionais e Exóticas.

Nota-se certo interesse pelos criadores desta Região por estes concursos que o Grémio da Lavoura vem realizando, quase ininterruptamente há 19 anos.

Alcobaca está de parabens.

Ajudai - nos! Protegei - nos! Salvai - nos!

(Continuação da pág. 691)

para se decidir a explorar esse grande filão que o Vinho do Porto representa.

Oxalá que ele trate, tão depressa quanto lhe for possível, de se agrupar em cooperativas. E que, depois delas organizadas, encare a sério, com decisão e rapidez, o problema da exportação do vinho verde.

Se assim não fizer, se continuar a ter medo de se arriscar a grandes empresas, não terá, como os negociantes e os industriais, grandes perigos, grandes falências. Mas também não terá, como eles, possibilidades de enriquecer, e ou sucumbirá ou nunca sairá da cepa torta.



A pesca nos rios e as portarias n.º 19 908 e 19 988

por ALMEIDA COQUET

FOI com interesse que tomei conhecimento destas duas portarias, pois são prova de que a Administração começa a encarar a tarefa que lhe incumbe em consequência da Lei n.º 2097 sobre o Fomento Piscícola das águas doces e respectivo regulamento segundo o Decreto n.º 44 623.

Mas se tive satisfação com este indício de que o assunto não está esquecido, mostrando que se pretende trabalhar, outro tanto não poderei dizer quanto à orientação seguida nas decisões tomadas, que me parece não traduzem bem o que se pretendia obter quando da elaboração dos projectos da Lei e seu regulamento.

Tendo feito parte, juntamente com o meu colega-pescador e amigo dr. António Carvalho de Pinho, da Comissão nomeada pelo Ministro da Economia para estudo do assunto das águas interiores e propor nova legislação, justamente a nós dois pertenceu apresentar soluções sobre a parte técnica da pesca e defesa das espécies, que eram aprovadas ou não pelos restantes membros da Comissão, consoante as razões que apresentávamos.

Desta forma, parece natural que eu possa explicar aqui o espírito que presidiu à redacção de algum articulado, mais tarde alterado quando da publicação definitiva da Lei e agora posto em execução

por forma um tanto contrária ao espírito inicial.

No trabalho apresentado em Agosto de 1956 ao Ministro da Economia, dizia-se, no art. 6.º do projecto da Lei: — *que competia ao Conselho Técnico dos Serviços Florestais (Secção Aquícola) emitir parecer obrigatório, entre vários assuntos, sobre o mencionado na alínea c), classificação das águas interiores de harmonia com as principais espécies ictiológicas que as povoam.*

E no respectivo projecto do regulamento à Lei, no art. 10.º, quando proibia expressamente a pesca por todos os processos, incluindo o da cana, nas épocas de defeso ali apontadas, o § 4.º dizia: — *Nas águas que vierem a ser classificadas como de salmonídeos, nos termos do art. 6.º, alínea c) do Dec.-Lei, durante a época do defeso destas espécies, não será permitido pescar quaisquer outras espécies aquícolas.*

A ideia era clara. Temos muitos rios e ribeiros no centro e norte do País. Todos tiveram ou ainda têm trutas, a não ser por causa estranha e excepcional. E assim, conviria designar aqueles — ou alguns daqueles — que tivessem melhores condições para um bom povoamento de trutas. Esses, seriam classificados como de sal-

monídeos e protegidos pelo projectado art. 10.º e seu § 4.º.

Mas nunca foi ideia que todos esses cursos de água entrassem naquela classificação, que poderia variar conforme a prática indicasse a conveniência de adoptar mais rios na classe de **salmonídeos**, ou retirar outros que não viessem a justificar a razão da sua classificação anterior.

O regulamento definitivo veio porém alterado, digamos mesmo simplificado, e o articulado proposto foi pura e simplesmente substituído pelo contido no § 2.º da alínea e) do art. 29.º, a saber:

«*Nos cursos de água onde existem salmonídeos* não é permitida, durante a época do seu defeso, a pesca de quaisquer outras espécies».

Quer dizer, a *classificação* sugerida nos projectos, que seria o resultado da observação e estudo, portanto o mais conscienciosamente possível, desapareceu para dar lugar a uma fórmula extraordinariamente simples e aparentemente de pouco trabalho: — existem salmonídeos neste rio? Não existem?

E com a resposta a estas duas perguntas parecia ficar o assunto resolvido. Assim parece, mas não é. Quem pode responder? E qual é a bitola de quantidade para o plural: **Existem salmonídeos?** Dois, meia dúzia, uma centena?

Contanto que, segundo o que tinha sido projectado, até um rio **sem salmonídeos** poderia vir a ser classificado como apto a ter um bom povoamento. A sua classificação resultaria do exame e estudo do rio, suas condições biológicas, ausência de poluições, etc., etc..

Isto, quanto ao legislado.

Quanto à medida constante das duas Portarias, foi também resultado, sem dúvida, de uma simplificação de tarefas, apoiada no § 2.º da alínea e) do art. 29.º: — **todos os rios têm trutas**, portanto, proíbe-se toda e qualquer outra pesca, exceptuando-se apenas alguns rios (realmente era um pouco forte não se exceptuar o rio Douro...) sob um critério que não consigo compreender.

Vou citar apenas um exemplo em cada um dos casos: proibição e excepção, a fim de não alongar estas considerações.

— Que interesse pode ter hoje em dia o rio Leça, como rio de salmonídeos? Foi sempre um rio de leito lodoso em grandes extensões. Há cerca de 50 anos que lá comecei a pescar; a par de barbos e escalos, tirei algumas trutas. Hoje em dia, com as águas poluídas por despejos industriais e com enorme aumento das camadas de lodo, é apenas um razoável rio para cyprinídeos e mais nada.

E como o Leça, há outros por aí fora em idênticas circunstâncias. E proibida a pesca em todos eles de 1 de Agosto em diante privamos milhares de adeptos de um desporto salutar, para a protecção do qual concorrem eles, hoje em dia, com o custo de uma licença de, pelo menos, vinte ou trinta escudos por ano, quando anteriormente nada pagavam.

Com a proibição em vigor e desnecessária, provoca-se um sentimento de desagrado que se devia ter evitado.

Mais ainda. Na sua maior parte, os pescadores com «cana, linha e anzol» são óptimos fiscais e a sua presença na margem de muitos rios é benéfica. Na sua ausência, poderão mais facilmente operar certos depredadores...

Agora o caso contrário. Porque se exceptuou o rio Vez até ao Azere? Não lembrou a alguém, que o rio Lima é ainda *um dos bons rios portugueses onde entram em quantidade as trutas mariscas?* E que os seus afluentes oferecem a estas óptimos locais de desova?

Julgo que isto basta por agora. E pergunto: — Em quem se apoiaram os Serviços Florestais e Aquícolas para proporem ao Senhor Secretário de Estado da Agricultura a adopção daquelas medidas? Nas Comissões Regionais de Pesca? E existem elas? Confesso que nada vi ainda que me provasse a sua existência. E assim ressalvo:

a) Se não existem, é preciso que existam de acordo com a legislação em vigor, para ponderarem os assuntos que lhes competem e informar devidamente a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas;

b) Se já existem, sobre elas recai então em grande parte a responsabilidade nas decisões que aqui apreciei. E é pena.

Não quero terminar estas considerações sem mostrar um outro aspecto intimamente ligado à larguíssima proibição de pesca em que se traduz o conteúdo das Portarias n.ºs 19 908 e 19 988: — a **fiscalização** dos rios.

Esta pertence em primeiro lugar aos Serviços Florestais e Aquícolas (Base VIII, n.º 1 da Lei 2097 e art. 24.º do Dec.-Lei n.º 44 623).

Mas não é segredo que os Guardas Florestais são poucos e a sua acção só poderá ter alguma eficácia nos troços de rios mais chegados às zonas florestais. E tanto assim, que o § 2.º do Art. 24.º do Regulamento já isso previu: — «A **fiscalização das águas livres ficará a cargo dos guarda-rios da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos enquanto a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas não possuir o número de Guardas Florestais suficientes para assumir esse encargo**».

Mas os guarda-rios — também muito bem sabemos — são **pouquíssimos**, com quilómetros e quilómetros de rio ao cuidado de cada um, de dia e de noite. Como podemos esperar deles uma cooperação eficiente na proibição quase total que agora se criou?

Podem-me dizer que teríamos de contar com ela de igual modo, caso se consentisse a pesca dos ciprinídeos. É verdade. Mas sem a proibição, não se teria criado uma situação aguda e desagradável.

Portanto, se se tivesse escolhido poucos rios e bons; se nesses se tivesse cuidado de repovoamentos intensivos; e se sobre eles se exercesse uma fiscalização eficaz, teria sido mais lógico e útil. Assim, em tão larga escala, só a Providência nos poderá dar auxílio...

Mas vai já longo este arrazoado, e como aqui falei no início em **classificação** de rios, em próximo artigo abordarei este assunto, citando as classificações seguidas por cientistas da especialidade.

Assim melhor se compreenderá as enormes diferenças verificadas entre zonas de um mesmo rio, e até entre rios aparentemente idênticos, e respectiva influência e razão da existência de povoamentos de diversas espécies piscícolas.

Pragas Florestais

(Continuação da pág. 701)

ou mesmo entre as anfractuosidades das raízes aparece de Janeiro a Março conforme o decorrer do tempo e do clima local. Às vezes começa por se alimentar escavando uma galeria no interior dos raminhos mais novos onde também não raro hiberna. Mais cedo ou mais tarde conforme as regiões — no Algarve em Janeiro ou Fevereiro — o adulto procura a base da casca dos pinheiros com mais de 10 anos onde abre uma galeria longitudinal entre a casca e o liber, de baixo para cima. Nesta galeria, a fêmea deposita os ovos em pequenos ninhos de um lado e doutro da galeria de postura. As larvas ao nascer começam a perfurar outras galerias partindo da principal e aproximadamente perpendiculares a ela (fig. 2).

Após a metamorfose os adultos emergem e vão alimentar-se nos raminhos do ano, como já se disse, perfuram uma galeria com início 6-7 cm abaixo do gomo apical. Nos meses de Junho-Julho chegam a encontrar-se 4 adultos num só lançamento do ano.

Estes raminhos são geralmente derrubados pelos ventos do Outono. Segundo alguns autores, chega a haver duas ou três gerações e é muito provável que seja o último caso que se dá no Algarve.

Distribuição geográfica

Europa, parte da Ásia e América do Norte.

Em Portugal foram colhidos adultos em Coimbra, Marinha Grande, Matas de Foja, Leiria e Valado, nos meses de Janeiro a Agosto.

De um modo geral pode-se dizer que está disseminado por quase todo o País.

Prejuízos

Ataca quase todos os pinheiros e até mesmo o espruce e o larício.

Mata do Urso, 30-6-1962

Fases Críticas da Criação dos Pintos

De Rádio Rural

É normal verificar que na maior parte das explorações que recebem pintos de um dia, o estado dos bandos evolui no tempo, segundo um certo ritmo. Assim, a mortalidade na criadeira, após uma incidência no decorrer dos primeiros doze dias, diminui consideravelmente nas 3.^a, 4.^a e 5.^a semanas, para recrudescer na 6.^a semana, atingir o ponto culminante na 7.^a e decrescer progressivamente no decurso das três seguintes.

A partir da 10.^a semana, as baixas são muito fracas. Uma recrudescente de mortalidade aparece na 13.^a semana. Estas variações mostram à evidência existirem essencialmente 3 períodos no decorrer da criação dos pintos durante os quais os animais sofrem as mais pesadas perdas.

Tentemos analisar o fenómeno e ver em que medida podemos limitar a incidência destas fases críticas.

O pinto de um dia é, ao mesmo tempo, robusto e delicado. Robusto, porque, ao contrário de muitas outras espécies de aves, nasce já bem preparado para a luta pela vida. As suas reservas vitelinas permitem-lhe passar com facilidade 48 horas, praticamente sem alimento. A sua penugem abundante protege-o eficazmente contra a enorme perda de calor que suporta. Uma vez posto na criadeira, mostra-se muito activo, pronto a procurar alimento e, até, a defendê-lo! É necessário afirmar que mais de uma ameaça o espreita.

A princípio são os erros de criação. Podem ter começado à saída da câmara

de eclosão. Que cuidado se teve com as caixas onde, escolhidos e contados, os pintos foram colocados para a expedição? Os choques repetidos, as correntes de ar frio, o aquecimento junto dum radiador, a viagem acidentada entre duas pilhas de pintos, são outras tantas contingências, de que, é preciso acentuá-lo, os pintos saem a maior parte das vezes sem dificuldade.

Ei-los chegados ao destino. Não se prolongue demasiadamente a demora e coloquem-nos logo sob a criadeira ou na bateria quente.

Tanto uma como outra devem ser postas a trabalhar na véspera e o seu funcionamento deverá ter sido verificado.

Isto pode parecer banal aos práticos experimentados. Mas, na grande maioria dos casos, os acidentes devem-se ao facto de não serem respeitadas as regras elementares de higiene; temperatura muito baixa ou muito alta e, sobretudo, irregular; ventilação insuficiente, má tiragem das criadeiras, número demasiado de pintos, etc.. Um incidente desta ordem basta para ocasionar, nos primeiros dias, uma mortandade que fará pensar numa epizootia. O mesmo acontecerá se a alimentação for inadequada ou a água insuficiente.

A «pulorose» é a segunda ameaça dos pintos no decorrer dos primeiros dias. Podé acarretar perdas extremamente severas que variam de 5 a 90%, segundo as condições da exploração.

Esta doença bacteriana é transmitida

da galinha aos pintos, através do ovo. Os animais infectados são muito contagiosos e contaminam as aves sãs desde o primeiro dia e até na chocadeira ou nas caixas de transporte. Mas o contágio alastra para a criadeira. Os primeiros animais morrem à volta do 3.º dia, por vezes mais cedo. Depois a mortalidade cresce rapidamente e atinge o máximo ao 7.º dia. Por vezes, quando as condições higiénicas são boas, a curva de mortalidade prolonga-se e a epizootia só pára durante a 3.ª semana. O sucesso dum tratamento eventual, depende da rapidez do diagnóstico, que só um laboratório especializado poderá efectuar.

Portanto, não se demore o envio dos pintos mortos, ou melhor, dos doentes, quando a mortalidade, no decurso dos 5 primeiros dias, se revele anormalmente elevada (mais de 30/o).

Se se trata de «pulorose», é preciso tratar imediatamente os pintos (sulfamidas ou melhor furazolidona), a fim de atalhar a epizootia.

Os animais atingidos serão abatidos e a casa da criação completamente limpa e desinfectada.

Porque os animais poderão ter-se infectado debaixo da criadeira, se o local não foi convenientemente desinfectado antes da sua chegada, acentua-se a vantagem duma limpeza e desinfecções cuidadosas dos locais entre dois bandos de pintos e, sobretudo, dum «repouso» de tais locais durante 15 dias após a saída de cada lote.

É às 6 semanas que, em princípio, se manifestam os primeiros sintomas de Coccidiose. Representam quase metade dos casos de mortalidade durante este período.

Esta doença parasitária é contraída pelos pintos, por ingestão das formas de resistência do parasita: os cisticos. Após uma evolução que varia conforme as espécies de coccídias e que tem lugar nas células do revestimento intestinal e cecal o parasita provoca lesões graves, necróticas e hemorrágicas. Os animais, tristes e encolhidos, perdem o apetite,

não aumentam de peso, apresentam uma diarreia acentuada, por vezes sanguinolenta. A mortalidade pode ser muito elevada.

A prevenção das coccidioses aviárias exige medidas higiénicas severas. Com efeito, a doença transmite-se dos portadores de germes aos pintos, por intermédio dos oocistos infestantes que foram disseminados nos excrementos.

Todos os meios directos ou indirectos de contaminação são possíveis. Sublinhamos, a este respeito, a imperiosa necessidade que há em não criar pintos perto dos locais dos adultos. Estes representam, com efeito, o reservatório de parasitas que serão transmitidos, tanto pela poeira das camas, pelas moscas, etc., como pelas botas dos tratadores, pelos utensílios e materiais de exploração, transportados dos locais dos adultos.

Dispomos certamente, de produtos coccidiostáticos, mas a sua eficácia relativa, em muitos casos, assim como o preço, fazem com que não constituam, de momento, a solução ideal do problema das coccidioses.

Assim, um excesso de proteínas poderá tornar verdadeiramente epizoótica uma coccidiose latente.

No decorrer deste período, as exigências do crescimento fazem com que as deficiências alimentares se tornem manifestas, em particular as insuficiências em vitaminas hipossolúveis: A e E, e que os desequilíbrios, ligeiros mas prolongados, da ração, se traduzem, nesta idade, por enterites rebeldes mais ou menos complicadas, de infecções bacterianas, como as colibaciloses que, sem acarretarem mortalidade elevada, diminuem ou atrasam o crescimento.

É pela 13.ª semana que os primeiros casos de neurolinfomatose se exteriorizam. Mas isto não passa do princípio duma longa evolução. A contaminação pelo vírus desta doença teve lugar nos primeiros dias. Ora, os portadores dos germes são aqui também os adultos.

Assim, deve repetir-se que em nenhum caso deve haver contacto directo ou indi-

MIRANTE

VINHOS VERDES

Pelo CONDE D'AURORA

QUANDO a Região Demarcada dos Vinhos Verdes mergulhava numa grave crise de abandalhamento de preços, em grande parte devida à abundância da última colheita e à estimativa vultuosa do corrente ano de 1963 — surgiu a intervenção governamental autorizando a Junta Nacional do Vinho a comprar 35 000 contos de Vinho Verde para queima.

É justo que se manifeste o devido agradecimento ao ilustre Governo da Nação pela medida decretada — o que, pela nossa parte, aqui se exara.

Para tal deve ter contribuído eficazmente a acção da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Por isso sentimos que, logo a seguir, pedisse a demissão o seu ilustre Presidente, o Dr. Alberto Ribeiro de Meireles, cujos serviços prestados à Região Demarcada são inegáveis.

Probo, digno, honesto, dinâmico, trabalhou infatigavelmente em prol da terra com todo o afã e ortodoxia — nem sempre ajudado, muito abandonado pela massa indiferente e abúlica

da maioria, atacado constante e enèrgicamente pela agressiva minoria tão combativa e irrequieta dos que não produzem vinho ou produzem americano.

Acompanhámo-lo, na sua saída, com os protestos da nossa estima e amizade — e, embora saibamos que não há homens insubstituíveis (e não haverá?), pode suceder que se dê a catástrofe de não se substituir o demissionário Presidente da C.V.R.V.V., e se lembrem de "regressar à normalidade" (essa tremenda casca de laranja!), e acabar com a actual Comissão Administrativa.

Deus queira que a saída do actual Presidente da C.V.R.V.V. não nos traga essa calamidade — e que, a pretexto do "regresso à normalidade" não vá cair-se na eleição... na eleição que, a não se modificarem as coisas antecipadamente e de acordo aliás com as sugestões já superiormente apresentadas — viria a ser praticada precisamente pelos mais irrequietos adversários da Região Demarcada...

recto entre estes e os pintos, pelo menos até às 8 semanas.

Em resumo, afirmamos que a criação dos pintos dependerá de 3 factores:

a) — *A origem dos pintos*, que deverão provir duma exploração que possua bom efectivo sob o ponto de vista genético e que ofereça todas as necessárias garantias sanitárias, particularmente a respeito da «pulorose»;

b) — *As condições higiénicas*, exigindo-se, principalmente, locais limpos, desinfectados e «repousados», bem como um isolamento absoluto em relação aos galinheiros dos adultos;

c) — *As condições alimentares*, que tragam em qualidade e quantidade todos os elementos indispensáveis, convenientemente equilibrados, não só para prevenir as perturbações de origem especificamente alimentar, mas também o aparecimento de infecções ou parasitoses nos animais enfraquecidos por estas perturbações.

Em avicultura não se devem considerar em separado os métodos de criação, a genética, a nutrição e a patologia, pois é da harmonia entre estes diversos factores, agindo simultaneamente, que dependerá o sucesso da exploração.

Secção Feminina

Outono à vista...

Época ideal para os discófilos

Os crepúsculos precoces e os caprichos do barómetro, obrigam os familiares e mesmo as visitas a permanecer longo tempo dentro de casa, procurando um ambiente acolhedor e sem surpresas de tempo. Por entre os nevoeiros ou os dias pardacentos de Outubro ou Novembro e os frígidos e chuvosos de Dezembro e Janeiro, a casa aparece mais ainda como um oásis de conforto e, ainda muito mais,



se se lhe juntar o encanto dum perfume de música.

É o reinado do discófilo, a época em que ele se sente feliz e sabe que tem na mão a varinha mágica que prenderá toda a família.

Mas há que ter em conta que a música, para agradar a todos, tem de variar constantemente de estilo, pois é um dos campos em que os gostos mais diferem. Claro que não podemos ignorar a preferência romântica dos avós, como também não podemos reprimir a ânsia de

movimento e ritmo dos netinhos, ou a música suave embora moderna, da preferência dos de meia idade. Por isso, um bom amador de música que tem a seu cargo a distração da família e o seu gira-discos, não pode limitar a escolha destes a um âmbito certo. Tem de procurar satisfazer alternadamente os gostos de todos para não correr o risco de ir perdendo, a pouco e pouco o auditório. Se souber alternar os ritmos novos com os antigos, há sempre a esperança do ouvinte em aguardar a vez da sua preferência e, mesmo no meio de uma serena partida de canasta ou de simples jogo de cartas, o ouvido atento espera o momento de se deliciar. Se mantiver duas ou três vezes seguidas o mesmo tipo de música, arrisca a fatigar os ouvintes e a destruí-los a expectativa. Assim, por exemplo, antes que se organizem os grupos e termine a excitação do frio e da chegada dos visitantes, coloque no seu pick-up um disco de música doce, antídoto infalível para os que chegam aborrecidos com o mau tempo ou com a longa caminhada pelo nevoeiro, ajudando-os a integrar-se no ambiente mais aquecido e predispondo-os para um agradável serão.

Saiba atrair os seus amigos e familiares, oferecendo-lhes um ambiente suave e acolhedor.

Encadernação caseira

Os livros de que mais gostamos devem ser protegidos com encadernações sólidas, pois, sendo tantas vezes manuseados, deterioram-se com facilidade. Para evitar grandes despesas e até para poder renovar-se periodicamente essa encadernação, pode executá-la em casa, nas suas horas de lazer. Para isso, tem de aprender certas fases essenciais, mas

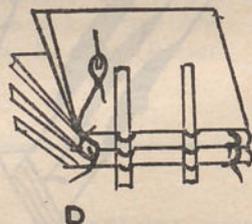
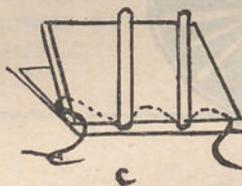
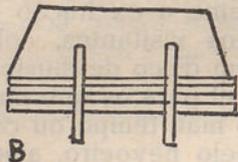
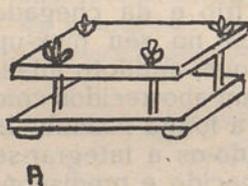
muito simples, e deve exercitar-se antes num livro velho e sem valor. Como as indicações, embora sumárias, se tornam um pouco longas, resolvemos dividi-las em duas partes, a segunda das quais será publicada num dos próximos números.

Materiais e utensílios mínimos necessários:

Uma agulha grossa
fio forte
tiras de pano de 1 a 2 cm
cartolinas e cartão de diferentes espessuras
papel branco e de cor para folhas das guardas
papel de fantasia, tecido ou pele para a cobertura
cola muito forte
um canivete, uma régua e um esquadro
um corta papel e um martelo arredondado
uma prensa que pode ser feita em casa, utilizando duas tábuas paralelas, fortes, que se apertam com parafusos, segundo a figura A

Modo de proceder

Em primeiro lugar dividem-se as folhas do livro em cadernos que são batidos várias vezes sobre uma mesa de modo



a ficarem as folhas todas ao mesmo nível e a fazê-las entrar bem umas nas outras.

Colocam-se então grupos de dois ou três cadernos sobre uma superfície lisa e dura e batem-se fortemente com o martelo para abater as arestas. Os cadernos são, em seguida, metidos na prensa, para reduzir-lhes ao mínimo a espessura, deixando-se assim por um espaço de 24 horas. Deve ter-se o cuidado de meter entre grupos de 5 cadernos, uma folha de cartolina, para evitar que deslizem uns sobre os outros. Verificar a paginação com muito cuidado.

Estende-se duas, três ou quatro fitas

de pano (conforme o volume do livro) e colocam-se sobre elas os vários cadernos, segundo se vê na figura B, de modo a ficarem bem esticadas. Com um lápis de cor, marcam-se simetricamente os sítios onde vai enfiar a agulha, que devem ficar a cerca de 2 cm das extremidades superior e inferior do livro. Colocam-se duas folhas brancas sobre cada uma das últimas páginas, de cada lado do livro, que serão as folhas das guardas e que se cosem juntamente.

Em seguida, vão-se cosendo os fascículos, um a um, às fitas, metendo a agulha pelo centro de cada um deles, conforme se indica na figura C. Quando se acrescenta o segundo fascículo, e se cose este às fitas, a agulha sai numa das extremidades do livro e vai formar cadeia com o fio que coseu o caderno anterior e assim sucessivamente, como se vê na figura D. Os nós que tiverem de ser feitos nas pontas dos fios, devem ser nós chatos e no interior dos fascículos e nunca sobre as fitas de pano.

Coloca-se o livro na extremidade de uma mesa e comprime-se fortemente de modo que os fascículos fiquem bem apertados, sobre as tiras e pincela-se a lombada com uma camada de cola forte, tendo o cuidado de apertar as folhas

entre dois cartões para que a cola não penetre nas folhas. Pode obter-se o mesmo resultado se colocar os livros na prensa de que falamos no início.

Para evitar que a cola escorra, sobre as folhas das guardas, pode passar-se um pano ligeiramente húmido nos bordos da lombada.

Depois da cola seca, passa-se-lhe outra camada de cola pastosa e coloca-se por cima um rectângulo de pano, cobrindo toda a lombada devendo este pano ser fino e poroso, género mousseline ou tala-garça mole. Deixa-se secar muito bem, sem retirar da prensa.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 108 — Assinante n.º 5929 — Porto.

IMPRODUTIVIDADE DE OLIVEIRAS

PERGUNTA — O artigo publicado na *Gazeta das Aldeias* de 1 do p. p. com o título «A produtividade das fruteiras» sugeriu-se a ideia de me dirigir a V. para lhe expor o seguinte: numa propriedade que possuo na região do Juncal (Douro) deu-se este ano um caso que me tem trazido intrigado por não encontrar explicação para ela: as oliveiras dessa propriedade (e só desta) cobriram-se de flores e agora não se encontram nelas senão pouquíssima azeitona. Que deverei fazer a estas oliveiras para que elas vinguem o fruto?

RESPOSTA — Este ano deu-se a hipótese considerada na parte final das causas fisiológicas — as oliveiras floriram muito, demasiado, e vingou muito pouca flor.

A improdutividade foi mais acentuada nas oliveiras mais empobrecidas, quer por vegetarem em terrenos mais pobres

quer por terem dado muito no passado ano e estarem esgotadas.

Quando se adivinha uma boa floração deve fertilizar-se, usando para tal fim a adubação foliar, utilizando para tal a ureia e certos produtos comerciais que pode encontrar nas casas da especialidade.

O que sucedeu está pois de acordo com o que dissemos. — *Madeira Lobo*.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 109 — Assinante n.º 40 359 — Belmonte.

ÁCAROS DA VIDEIRA

PERGUNTA — Possuo uma vinha na qual existem algumas videiras atacadas de uma doença que desconheço. Há anos que esta doença apareceu mas em pequena quantidade. Mas este ano há muitas dessas videiras doentes, tanto na minha vinha como nas vinhas próximas.

Envio uma caixa com algumas folhas para apreciar.

De que doença se trata? Falta de borato não é, visto que lho apliquei na dose de 8 grs por cada cepa. Será pouco, ou a doença não será proveniente disso. A vinha já é bastante velha. Foi adubada com adubo orgânico e tenho metido mato à vala. Agradeço, pois, o favor de me indicar o tratamento que lhe devo fazer.

Na casa onde vivo há muitas das borboletas de que envio alguns exemplares dentro de uma caixa que segue junto das folhas de videira. Solicito a fineza de me indicar como combater esta praga. Já pulverizei com a bomba de «Neocid», mas deu pouco resultado. Na cozinha é um verdadeiro enxame; pousam em toda a parte.

Espero uma resposta breve, pois já estou saturado de tanta borboleta.

RESPOSTA — 1 Folhas de videira: As deformações verificadas na amostra são causadas pelo ataque dum ácaro. Este provoca tais picadas na página inferior da folha. Os danos causados pela sua incidência não costumam ser de recesso.

A aplicação de enxofres contra o oídio da videira, tratamento que entre nós sempre é seguido, costuma ter uma limitante acção do parasita.

2 Borboletas: O insecticida «Neocid» tem bom efeito contra a praga. No entanto recomendamos-lhe procurar o foco onde se encontram a proliferar as borboletas que o atormentam.

Veja nas dispensas ou nas lojas da casa se não existem cereais, farinhas, lãs ou peles. Em tais produtos, é costume sobretudo se é fraco o arejamento surgirem focos de borboletas do tipo idêntico ao enviado. — *Benevides de Melo.*

*

N.º 110 — Assinante n.º 38081 — *Portimão.*

INTERVALOS DE SEGURANÇA

PERGUNTA — No dia 29 de Maio passado, a conselho de um comerciante que faz tratamentos nos pomares, apliquei *Roxion* em 4 pessegueiros e 5 pereiras que tenho no quintal da minha residência, e que passadas 3 semanas voltaria a fazer novo tratamento, isto porque deve haver 3 anos que não conseguimos comer um fruto das referidas árvores por estarem cheias de bichos.

Acontece que no mesmo quintal tenho uma plantação de couves de pé alto donde colhemos as folhas para nosso consumo; bem entendido, depois do referido tratamento, não mais comemos couves

ou alfaces do quintal e temos que as ir comprar ao mercado desta cidade.

Assim, rogo o favor de me informar, com urgência, quando poderei começar a comer as couves do meu quintal.

Um proprietário amigo disse-me que deveria ter aplicado *Malation* em vez de *Roxion*, por ser menos tóxico e que dá melhores resultados para a Mosca do Mediterrâneo.

Que produto poderei aplicar para evitar este inconveniente?

RESPOSTA — Se forem respeitadas as dosagens de aplicação das casas fornecedoras dos insecticidas referidos podemos informar o senhor consulente que os períodos que devem medear entre a última aplicação e a colheita com receio à sua toxicidade são os seguintes:

Dimetoato — (Substância activa do *Roxion* 2 semanas

Malatião — (Substância activa do *Malation* 1 semana

Estes intervalos de segurança com origem em trabalhos de toxicologia da Sociedade Portuguesa de Fitiatria e Fito-farmacologia (em organização) devem ser rigorosamente respeitados. — *Benevides de Melo.*

*

N.º 111 — Assinante n.º 45079 — *Melgaço.*

ROSAS ATACADAS POR COLEÓPTEROS

PERGUNTA — Aparecem-me as roseiras, que tenho no meu pequeno jardim infestadas, de uns bichos de que mando alguns exemplares como amostra.

Observei que tais bichos parece terem certa preferência pelas cores das rosas, pois encontram-se em bem maior quantidade nas rosas claras, amarelas e brancas, do que nas rosas de cores carregadas ou escuras.

Agradecia o favor de me dizer:

1) Que bicho é esse que assim infestou as minhas rosas?

2) Qual o tratamento aconselhável para os matar ou inutilizar?

RESPOSTA — Trata-se dum coleóptero o insecto que está a infestar as suas rosas. É comum entre parasitas como os da amostra enviada — a cetónia é um exemplo — revelarem um nítido tropismo pelas flores de cores claras. O estrago

que costuma causar não é grande. Apenas nas flores abertas inside o ataque que consiste na destruição do androceu e giniceu da flor. Os botões são quase sempre poupados. A praga sob a forma de insecto perfeito é bastante resistente aos insecticidas. O emprego de polvilhações com DDT, formulado para tal fim, feitas repetidas vezes e a curtos intervalos, é o tratamento que se nos afigura mais indicável para o seu caso. — *Benevides de Melo.*

*

N.º 112 — Assinante n.º 42 409 — Almeida.

MÍLDIO DA BATATEIRA

PERGUNTA — Envio uma amostra de folhas de batateira que se apresenta no estado que terá ocasião de apreciar.

De que doença se trata e como combatê-la?

RESPOSTA — O manchamento foliar verificado na amostra remetida foi devido à acção dum fungo que actuando na espessura da folhagem ou mesmo noutros pontos da planta, origina a doença conhecida pelo nome de mildio da batateira.

A aplicação de caldas de sulfato de cobre, tipo bordalez, oxiclureto daquele mesmo metal, estreme, e ainda mistos deste com fungicidas orgânicos como o zinebe são «fármacos» que com êxito podem ser utilizados no combate preventivo à doença referida.

A título de esclarecimento podemos informá-lo que a aplicação de fungicidas isentos de cobre com o fim que tem em vista tais como o zinebe, manebe e mancozebe, são produtos capazes de com uma protectividade semelhante à dos produtos cúpricos incrementar valiosamente o peso da produção em cerca de 15%. — *Benevides de Melo.*

*

N.º 113 — Assinante n.º 41 569 — Porto.

PIOLHO DO FEIJOEIRO

PERGUNTA — Junto umas vagens de feijoeiro, que supponho atacadas de pulgão, surgindo algumas com o interior negro. Os feijoeiros encontram-se atrofiados e pouco vingam. Será tudo consequên-

cia do ataque do pulgão, ou será qualquer outra praga?

Agradecia a opinião do técnico da «Gazeta», e bem assim se haverá algum tratamento mais adequado e eficaz que os vulgares insecticidas.

RESPOSTA — Independentemente do inconveniente da transmissão de vírus que os piolhos podem originar a sua presença determina quase sempre deformações e reduções do desenvolvimento das plantas atacadas por tais parasitas.

A estes inconvenientes associa-se muitas vezes, por segregação da praga, o aparecimento de «meladas» que têm forte acção fitotóxica sobre o vegetal.

No intuito de eliminar tão indesejáveis parasitas deverá o senhor consulente pulverizar, semanalmente, e de forma perfeita o feijoal até ao desaparecimento da praga.

A composição da calda que lhe recomendamos é a seguinte:

Água.	100 litros
Malathane ou produto de tipo equivalente.	1 decilitro

Tenha presente no manuseamento que o produto é venenoso, e que devem ser guardadas 2 semanas de intervalo entre a sua aplicação em pulverização e o consumo dos feijões tratados. — *Benevides de Melo.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 114 — Assinante n.º 44 780 — Grândola.

IMPOSTO BRAÇAL OU DE PRESTAÇÃO DE TRABALHO

PERGUNTA — Meu sogro faleceu há 22 anos e apenas tinha um prédio nesta vila, ou seja, umas casas térreas. Tinha outros prédios no concelho de S. Tiago e só pagava neste concelho a contribuição predial e o imposto de incêndio.

Este ano foi colectado com imposto de trabalho.

Ora, tendo falecido há 22 anos, desejava que me dissesse a razão de tal aplicação deste imposto. Até mesmo no concelho onde existem as propriedades acima referidas, deixam de pagar o imposto de trabalho.

Poderia fazer o favor de me esclarecer a este respeito, para saber como hei-de proceder?

RESPOSTA — 1. Este imposto consiste no serviço das pessoas, animais e veículos do concelho em um dia de cada ano e pode ser cobrado em dinheiro (art. 707.º do Cód. Administrativo).

2. E dispõe o § 1.º de art.º citado que «são obrigados ao pagamento do imposto... todos os chefes de família ou proprietários na circunscrição municipal:

1.º Por si e por cada uma das pessoas de sua família ou domésticas de 21 a 50 anos de idade, quando tenham residência habitual na área do concelho e sejam varões válidos;

2.º Pelos carros, carretas, animais de carga, de tiro ou de sela que empregarem habitualmente na circunscrição».

3. Estão isentos do imposto, entre outros, os chefes de família com mais de 5 filhos legítimos a seu cargo, e que pagarem anualmente ao Estado menos de 300\$00 de contribuições directas (§ 2.º do mesmo artigo).

4. Por outro lado, segundo dá a entender o § 4.º do art.º citado, este imposto pode ser remido.

5. Em face das disposições citadas, é fácil concluir que ao lançar agora esse imposto a Câmara faz o que lhe é legalmente permitido e que, por qualquer motivo, até agora não tinha feito.

Por outro lado, o facto do sogro do senhor consulente ter morrido não impede que o herdeiro do prédio tenha a obrigação do seu pagamento, e, com certeza, é pelo facto do prédio, no registo ou na matriz, ainda estar em nome do falecido que o imposto é lançado em seu nome.
— A. M. O. Pinheiro Torres.

★

N.º 115 - Assinante n.º 44 141 - Viseu

LINHAS ELÉCTRICAS ATRAVESSANDO TERRENOS PARTICULARES

PERGUNTA — Comprei há pouco um olival que confina do Norte, Nascente e Poente com vários proprietários, e a Sul com a Estrada Nacional. Já depois da compra feita, a pedido de um proprietário, foi feita a instalação eléctrica na sua casa.

Acontece que um empregado da empresa fornecedora e que fez a instalação, sem qualquer comunicação, partindo da via pública e em direcção a uma casa que fica em frente à do aludido proprietário, aí colocou um postalete e atravessando o meu olival em diagonal na extensão de algumas dezenas de metros procedeu à instalação eléctrica.

Como esta linha me passa pelo meio do olival, chegando mesmo a tocar em algumas oliveiras e estando a uma altura do solo de 3,5 a 4 m e na altura da colheita (varejo) pode provocar-me qualquer aborrecimento por imprevidência do pessoal, venho pedir o favor de me dizer se tenho o direito de reclamar e mais a mais nem sequer autorização me pediram.

Junto envio um cróquis do local, exemplificando ao mesmo tempo a melhor maneira de proceder à respectiva instalação e com mais segurança.

RESPOSTA — 1. Dispõe o art. 51.º do Dec. 26 852, de 30 de Julho de 1963 que «os postes, os apoios e os fios condutores serão sempre colocados por forma que os proprietários dos terrenos ou edifícios sobre os quais ou nos quais sejam estabelecidos possam dispor livremente das suas propriedades para o fim a que elas são destinadas e sofram o mínimo prejuízo ou embaraço em consequência da existência das linhas».

2. Por outro lado o art. 56.º do mesmo decreto dá nitidamente a entender que é necessário a autorização dos proprietários para o início dos trabalhos, embora essa autorização não possa ser negada.

3. E o art. 37.º do dec. 43 335, de 19 de Novembro de 1960 estabelece que «os proprietários dos terrenos ou edifícios utilizados para o estabelecimento de linhas eléctricas serão indemnizados pelo concessionário ou proprietário dessas linhas sempre que daquela utilização resultem redução de rendimento, diminuição da área das propriedades ou quaisquer prejuízos provenientes da construção das linhas».

4. Não encontrei nos diversos diplomas que a esta matéria dizem respeito disposição que directamente determine que as linhas devem seguir as vias públicas de preferência a atravessarem terrenos particulares.

5. Pelas disposições citadas já o sr. consulente pode ver até que ponto tem razão nas suas observações. — A. M. O. Pinheiro Torres.



INFORMAÇÕES

Decreto-Lei n.º 45 223 de 2 de Setembro de 1963 sobre REGIME CEREALÍFERO

Dado o grande interesse que para a Lavoura tem o conhecimento integral do recente decreto-lei sobre regime cerealífero, entendemos publicá-lo na íntegra, inclusive com o respectivo preâmbulo. Este e apesar de se considerar que os preâmbulos dos diplomas legislativos não têm valor como disposição legal, traduz o pensamento do legislador e portanto define a directriz escolhida pelo Governo.

1. Tem vindo periódica e repetidamente a afirmar-se que o conjunto de disposições que constituem o «regime cerealífero e do pão» deveria ser objecto de alteração profunda. As modificações efectivamente introduzidas por este diploma não constituem, portanto, novidade ou surpresa, tendo havido até a preocupação de inovar com prudência que alguns acharão demasiada. Apesar disso, não evitaremos certas dificuldades no funcionamento de um novo regime, e para as resolver com rapidez prevê-se a tomada de decisões através de simples portaria ou despacho, o que dará o necessário grau de flexibilidade à aplicação de um sistema novo.

Dada a complexidade do assunto, entendeu-se repartir o conjunto de problemas e soluções por diferentes diplomas, evidenciando-se aqueles que abordarão o problema da reconversão da cultura cerealífera e as questões de utilização de cereais, em especial para a panificação, deixando-se aspectos técnicos e regulamentares para outros diplomas.

2. Todos reconhecem que seria ideal haver apenas um tipo de farinha de trigo para panificação. Todos compreendem que, com o preço garantido ou real do trigo nacional, se torna praticamente impossível fixar um preço desse tipo único de farinha a um nível suficientemente baixo para que ao pão tivessem acesso todas as classes da população, excepto se houvesse uma intervenção compensadora de preços que não se comporta dentro dos limites financeiros do Fundo de Abastecimento.

Este facto não impede que não se considere excessivamente artificial o sistema actual de três tipos de farinha de trigo para panificação. Entendeu-se, por isso, que seria de suprimir um dos tipos presentes, sem afectar os consumidores de menores recursos, que são precisamente aqueles para quem o pão tem particular incidência nos orçamentos familiares. Deste modo, abandona-se a farinha de trigo de tipo intermédio e melhora-se a farinha de tipo inferior — que passa a designar-se por «farinha de 2.ª qualidade» —, o que permitirá melhorar a qualidade do pão inferior sem alterar o seu preço, embora isso signifique que o Fundo de Abastecimento poderá perder até 70 000 contos.

No sentido de evitar aumentos de preço e adequar o novo tipo de farinha às condições reais da produção nacional e até às preferências tradicionais dos consumidores, previu-se a incorporação de farinhas espoadas de centeio e de milho. Por essa via se contribui também para o incremento do consumo de cereais de produção tradicional nas regiões centro e norte e se evita alguma importação de trigo.

Durante as múltiplas sessões de trabalho que houve que realizar com entidades, públicas e privadas, mais ligadas aos sectores da moagem e da panificação, foi levantada a dúvida de saber se o novo regime de farinhas não viria a conduzir ao desaparecimento da indústria de moagens de trigo em rama que trabalha para abastecimento público. Na previsão de que tal venha a acontecer — e o progresso o tem ditado em todo o Mundo —, vai suspender-se a concessão de licenças de instalação de fábricas desse sector e ordenou-se às entidades competentes que estudem com os actuais industriais do ramo e com a Federação Nacional dos Industriais de Moagem o caminho que deverá ser seguido.

Aproveitou-se a presente revisão do regime de farinhas para rever as taxas de extracção de milho e centeio para incorporação na farinha de trigo, mantendo, embora, as características daquelas farinhas. Tal modificação implicará, provavelmente, sacrifícios para empresas federadas na Federação Nacional dos Industriais de Moagem, embora se admita que seja um sacrifício transitório, porque o maior volume de laboração de tais unidades virá a compensá-las das eventuais perdas momentâneas.

Outra alteração será de assinalar no panorama cerealífero nacional. Trata-se da revisão do preço e da forma de distribuição da sêmea. Por ter sido

defendido pelos técnicos e pelos representantes da lavoura, que, no próprio interesse dos criadores de gado, convinha retirar o estímulo à utilização da sêmea que é representado pelo baixo preço oficial até agora praticado, procede-se à sua rectificação, embora sem o situar ao nível que se pratica no mercado livre. Por outro lado, atendendo a que se têm notado certas anomalias na distribuição do mesmo produto, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários passa a fazer a sua requisição total às fábricas de moagens integradas na Federação Nacional dos Industriais de Moagem e a proceder à distribuição de acordo com critérios que permitam a sua mais racional utilização.

Igualmente se modificam as características das farinhas para bolachas e massas, a fim de permitir às indústrias respectivas uma maior resistência à intensificação da concorrência externa, proporcionando-lhes uma melhor qualidade das matérias-primas e libertando-as gradualmente da obrigatoriedade de incorporar produtos de menor qualidade.

Ainda dentro do novo regime cerealífero, será de registar a ligeira subida do preço do centeio — o que pode proporcionar um sinal orientador e vir a beneficiar as regiões que se encontram habitualmente fora das preocupações do regime cerealífero.

Não se tomam ainda decisões mais amplas quanto ao milho, porque se concluiu que havia estudos a fazer e a completar. De facto, pode surpreender que, interessando o milho uma boa parte da população rural portuguesa, não tenha havido maior número de estudos quanto a esse problema. Parece que assim acontece, mas é orientação que terá de ser revista. Ordenou-se, deste modo, a intensificação de trabalhos que se vinham realizando quanto às possibilidades de redução dos encargos que oneram o circuito de compra e distribuição do cereal e da sua valorização, quer através de sistemas de preços e produtividade, quer de uma maior industrialização. Quanto ao trigo, é de esperar que venha gradualmente a sua produção a ficar limitada aos solos que respondam às exigências da sua cultura, o que, com a melhoria da técnica, poderá dar a rentabilidade desejada à sua exploração dentro do processo de reconversão de culturas.

3. Deve ainda referir-se um aspecto que se tem ligado ao regime cerealífero: o sistema de comercialização dos adubos. Este também terá de sofrer alterações, em virtude dos compromissos internacionais resultantes da Associação Europeia de Comércio Livre. A liberalização do comércio e a aceitação de sistemas naturais de concorrência têm de vigorar no mercado de adubos, ainda que possam adoptar-se providências para evitar um grande impacto, em especial na indústria de azotados, que é de criação recente e representa vultosos investimentos. Deste modo, teremos de seguir os princípios de liberalização que afectam especialmente aqueles adubos que estavam sujeitos a regimes especiais, como os superfosfatos, os adubos potássicos e a cianamida cálcica. Dada a novidade do sistema, não se dispõe ainda de elementos suficientes para saber em que medida essa liberalização redundará em benefício da lavoura ou detrimento da indústria, ainda que o acesso que venha a ter-se à importação de adubos possa ser factor

quer de estabilização, quer de perturbação do mercado, a que o Governo não pode deixar de estar atento.

4. Ao determinar-se a orientação para o regime cerealífero do ano de 1963-1964 não se pode, com efeito, deixar de a integrar na política de reconversão agrária que imperativos da hora presente obrigam a seguir em vastas áreas de terra em exploração agrícola. Na realidade, os movimentos de liberalização e um alargamento de áreas competitivas no comércio internacional e, em especial europeu, e objectivos de ordem social interna conduzem a iniciar, o mais rapidamente possível, uma evolução do sector agrícola que tem vivido à luz do critério de abastecimento e autarquia em precárias condições económicas.

Quer nos aspectos da política de abastecimento, quer à luz dos critérios da economia de mercado, a evolução tem de orientar-se para a obtenção de maior rentabilidade das explorações, o que, obviamente, implica produção ao mais baixo custo, ajustamento aos mercados que melhor paguem e conveniente organização dos circuitos económicos.

A produção ao mais baixo custo não pode alhear-se de uma primeira condição: a do ajustamento das culturas à capacidade de uso dos solos, na interdependência das suas características com o clima, com a técnica e com os factores de produção disponíveis.

Assim, neste complexo conjunto de factores desenham-se as seguintes tendências de utilização dos solos:

1. Regadio, para as terras planas que dispõem de água;
2. Cultura arvense, arborícola e arbustiva de sequeiro em terras susceptíveis de mecanização;
3. Florestação, quer sob a forma estreme, quer em regime silvo-pastoril e ainda plantas produtoras de óleos essenciais ou outras, em faixas intercalares, conforme as condições técnico-económicas das regiões.

Não se dispõe ainda de todos os elementos que permitam considerar rigorosamente a aptidão do conjunto das diferentes regiões do País a estes tipos de produção. Julga-se, porém, ser possível em breve dispor de maior número de elementos, embora já se conheça, ao sul do Tejo (esboço da carta geral de ordenamento agrário), mais de 1 000 000 ha que terão de ser transferidos de cultura agrícola para a exploração florestal.

(Continua no próximo número)

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Tonéis de boa madeira, bem avinhados, de 4 a 5 pipas, compra a Casa de Vilaverde. Moreira de Cónegos — Vizela.

Leitões «Large White», vendem-se na Quinta de Prime — Viseu.

Pavões vendem-se casais ou fêmeas. Dirigir pedidos ao Apartado 67 — Figueira da Foz.



A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, a qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlocide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDEDORES DA

Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

São-lhe necessários nesta época estes livros:

Limpeza da adega e conservação do material vinário, por Henrique Coelho. — 52 pág c/ 16 grav. 6\$50

A vindima, por Henrique Coelho. — 40 páginas, com 11 gravuras. . . 6\$50

Como se faz o vinho, por Henrique Coelho 8\$00

Tratado prático de vinificação, por M. Rodrigues de Moraes. — 3.^a edição muito melhorada. — 254 páginas, com 56 grav. 36\$00

Conservação do vinho, por Henrique Coelho. — 35 páginas, com 8 gravuras 5\$50

Determinação do extracto seco dos vinhos, por Henrique Coelho. — 48 páginas, com 12 grav. 5\$50

Instruções sobre o fabrico e conservação do vinho de pasto . . . — Separata de um trabalho publicado em vários números da «Gazeta», pelo eng.^o agrónomo Mestre Mário Pato 5\$50

Determinação do grau alcoólico dos vinhos, por Henrique Coelho. — 41 págs. com 25 gravuras 5\$50

Determinação da acidez dos vinhos, por Henrique Coelho. — 39 páginas, com 27 gravuras . . . 5\$50

Aproveitamento dos vinhagos, por Henrique Coelho. — 47 páginas com 7 gravuras 6\$50

Destilação, por Matos Torres. — 88 páginas, com 22 gravuras . . . 9\$50

Nestes preços está incluído o porte do correio. A' cobrança, mais 2\$00

Pedidos à GAZETA das ALDEIAS



Sunda Elástica
S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 — PORTO
Telefone, 22908 1701



Gás Mobil



O INCOMPARÁVEL SISTEMA

**O GÁS DA
GARRAFA
AZUL**

CLICK!

3953

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Dedetoxil, Lin-Toxil (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

Clor-Pal (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

Cobre Irpal e **Cuprion** — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

Enxofre Molhável Irpal — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

Cuprifer — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação.

E. B. 25 (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

X L 55 Irpal — Contra Carraças e Ronha das ovelhas, etc.

Lin-Tal-Clor (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

Afitox — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

Larvan — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

Acridion — Para desinfecção dos Celeiros, Estábulos, etc.

Acridion de Inverno (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

Olidion de Verão e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

Ervatox (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

IRPAL É MARCA DE QUALIDADE

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Produtos

para a



PROCIDA

Agricultura

SISTOATE "40"

com 40% de Dimetoato

INSECTICIDA SISTÉMICO DE CHOQUE

Para combate à

MOSCA DOS FRUTOS

Sistoate "40" é um insecticida polivalente e pouco tóxico e o mais concentrado produto à base de DIMETOATO, permitindo um combate eficaz e económico contra todas as moscas dos frutos.

Representantes exclusivos:

A. F. Gouveia, Lda. (Divisão Agrícola)

LISBOA — Avenida Infante Santo, 52-1.º — Telef. 675081/82

PORTO — Rua Santos Pousada, 644 — Telef. 44573



Tonéis em CIMENTO



MODELO REGISTRADO

Engarrafe os seus vinhos e aguardentes e não pense mais no problema da venda e conservação. Leves. Tomamos a responsabilidade. Embeleze e enriqueça a sua adega com esta inovação. Vinho 75% melhor que nos de madeira. Já utilizados por Engenheiros como podemos provar. Invenção de

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

Seitz Seitz-Werke

Alemanha-Occidental

Filtros Esterilizadores

Filtros Kieselgur

Máquinas de Lavar

Máquinas de Rolhar

Máquinas de Encher

Máquinas de Capsular

Máquinas de Rotular

Máquinas Automáticas para Fábricas de Refrigerantes, Fábricas de Cerveja e Indústria Vinícola

*Amiantos * Placas Filtrantes e Esterilizantes*

REPRESENTANTE NO NORTE DO PAÍS:

António G. Pinto de Freitas

PRODUTOS ENOLÓGICOS, APARELHOS DUJARDIN SALLERON

14, I. de S. Domingos, 15—PORTO—Portugal

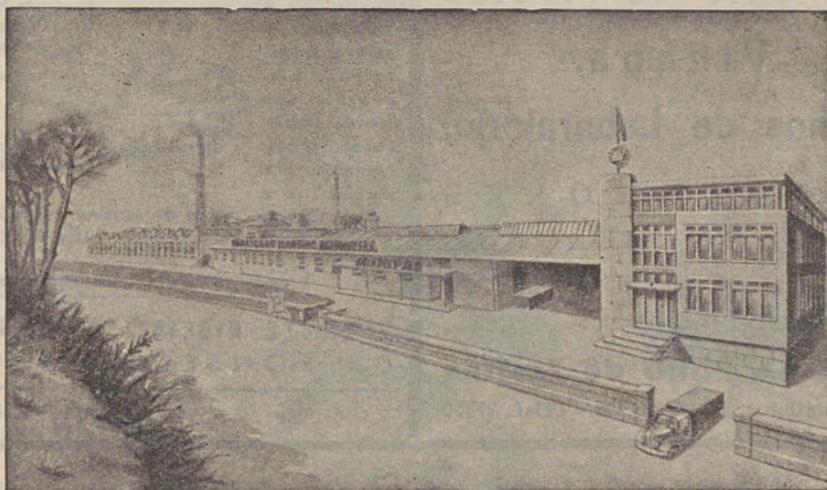
Telefone, 27350

Telegramas: «Gpinfreitas-Porto»

FÁBRICAS DE MADEIRA AGLOMERADA

«TABOPAN»

TELEFONES N.ºs { 53
81 AMARANTE
134



UMA DAS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA NA PRODUÇÃO DE MADEIRA AGLOMERADA

Placas de 2,50×1,25—2,13×1,25—2,13×1,00—2,13×90—80, 75, 70 e 2,00×1,00
Espessuras: de 3 a 36 m/m para todas as aplicações

**Portas, Lambrins, Tectos, Mobiliário, Construção Civil e Naval, Hangares,
Casas Pré-Fabricadas, Carteiras e Mobiliário Escolar, etc.**

Esta madeira foi considerada pelos famosos cientistas germânicos em madeira aglomerada, Engenheiro H. F. Schewiertz, de Hamburgo, e Professor Wilhelm Klanditz, da Universidade Técnica de Braunschweig, como a melhor que se tem produzido na Europa

Também o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, de Lisboa, a considerou igual à melhor que se produz no estrangeiro

As construções de maior categoria têm preferido «TABOPAN»

A única Fábrica Europeia que produz placas de 3, 4, 5 e 6 milímetros de espessura com uma resistência de 407 kg./cm² (cerca de 3 vezes mais que a madeira maciça)

Distribuidores no Distrito do Porto
e Província do Minho:

Soc Comercial de Representações José Soares, L.da
R. Rodrigues Sampaio, 169-2.º • Tel. 28091
PORTO

Agente Distribuidor em Lisboa:

Soc. de Madeiras e Mobiliário Tabopan, L.da
Av. Casal Ribeiro, 12-B e 12-C
Telefs. 43179 e 555301
LISBOA

Senhores Vinicultores

VENDO todos os produtos para
**Tratamento de Móstos
e Vinhos,
Aparelhos de Laboratório,
AOS MELHORES
PREÇOS DO MERCADO**

PEDIDOS A:

António G. Pinto de Freitas
L. de S. Domingos, 15 — PORTO — Telef. 27350

8987

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

MA GOTA DE HERPETOL
e o seu desejo de coçar
passou. A comichão des-
parece com o por encanto.
A irritação é
dominada, e
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
sifios come-
çaram. Medi-
camento por
excelência
para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.



A venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA

Máquinas Agrícolas Grupos Moto-Bombas e Motores "BERNARD,"

*Tararas de diversos tamanhos, Prensas, Esmagadores, Charruas,
Semeadores e Sachadores nacionais e estrangeiros "Planet",
Tractores marca "Ocrim" e "International", etc.*

SEMENTES de Horta, Prado e Jardim □ **ADUBOS simples e compostos**

Pedidos ao: **Centro Agrícola e Industrial, Lda.**
Telef. 25865/6 307, Rua de Santa Catarina, 309 — PORTO Teleg. «Agnos»



1369
**CONTRA A
PAPEIRA**

OS CRIADORES PREVIDENTES DÃO
MARCA PLOUGH (CHARRUA)

(Allen & Hanburys, Ltd., Londres)
Tetracloreto de carbono em cápsulas de 1 c. c.

- Produto garantido
- Eficácia comprovada
- Fácil aplicação
- Reduz a mortalidade
- Valoriza as cabeças
- Melhora a lã

Agentes: **COLL TAYLOR, L.da-R. Donradores, 29-1.-LISBOA**
Telefone, 821476



Trata as doenças do **ESTÔMAGO**
INTESTINOS E FIGADO

A venda em todas as Farmácias

3384

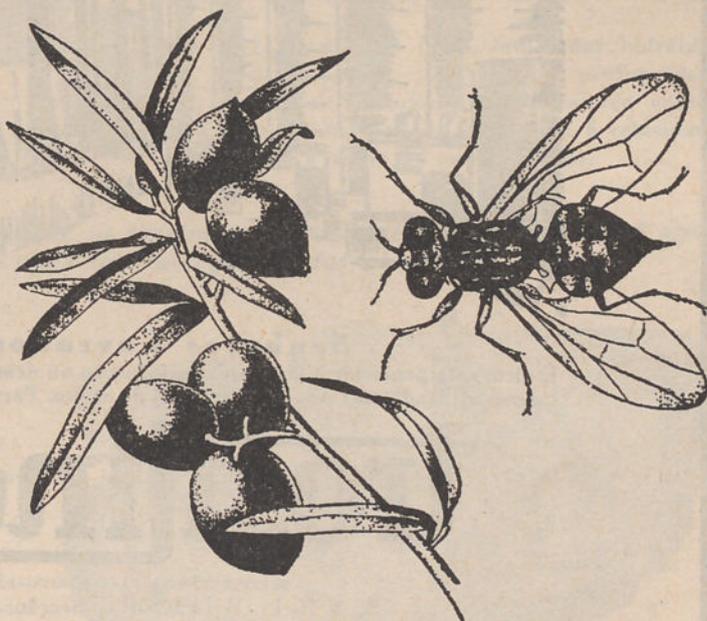
Lebaycid®

um insecticida



3960

para o combate à
Mosca da Azeitona
e suas larvas



O LEBAYCID caracteriza-se pelo seu **elevado poder insecticida e longa duração** (cerca de dois meses) e aplica-se nas **azeitonas** destinadas a **conserva** ou para a **extracção de azeite**.

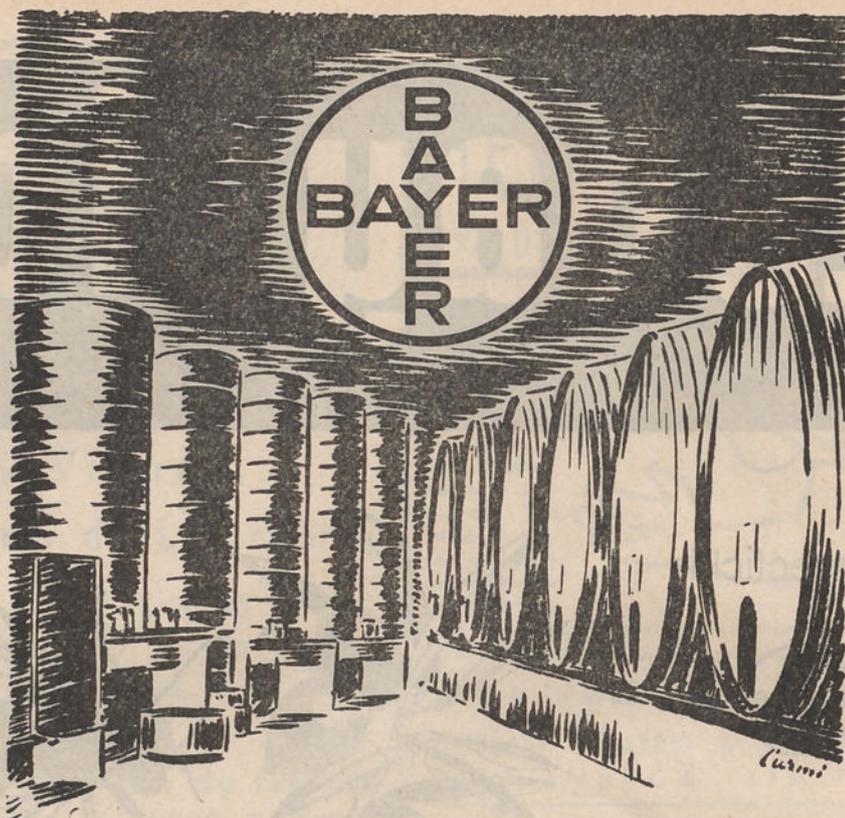
Em condições normais, bastará um só tratamento para eliminar todos os inconvenientes resultantes dos ataques da mosca da azeitona.

.....
«Bayer» **Secção Agrícola-Leverkusen-Alemanha**

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
Rua Sociedade Farmacêutica, 3 — LISBOA





Senhores Lavradores!

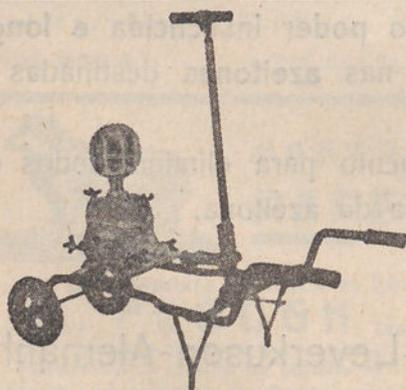
É altura de proceder à lavagem, desinfeção ou descoloração de todo o vasilhame utilizado nas adegas e lagares de azeite. Para bons resultados usem:

troasilina «F»

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 8 — LISBOA

3961



Bombas de Trastega

de Vinhos e Material

Vinicola

3927

GRANDE SORTIDO

CASA CASSELS

PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 191 — Telefones: 28211 - 12 - 13
LISBOA — Avenida 24 de Julho, 56 — Telefone, 661778

FOLHAS de Registo de Lagaradas

muito úteis
ao vinicultor

10=6\$06 50=19\$ 0
20=9\$90 100=34\$70

Porte
e registo incluídos

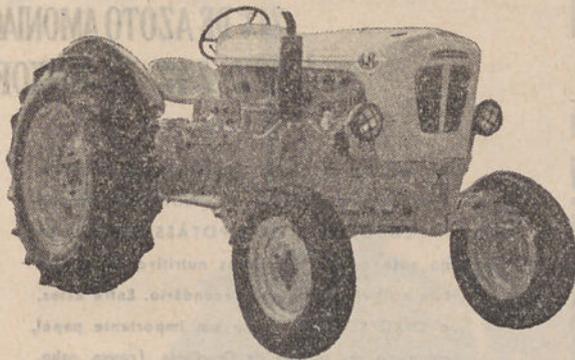
Pedidos à

Gazeta das Aldeias

Aos Srs. *Viticultores*

Têm agora 2 modelos de Tractores "LAMBORGHINI"

de características apropriadas para trabalhar nas *Vinhas e Pomares*



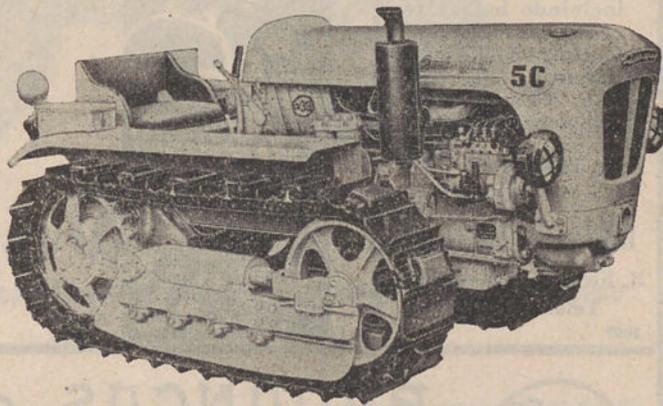
Modelo	1-R	2-R
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	1 ^m ,13	1 ^m ,40
Pneus da frente	4.00-15	5.50-16
» trazeiros	9.5-24	11.2-28

2 tomadas de força, levantador hidráulico de 3 pontos, regulador de profundidade, dispositivo automático de esforço controlado, blocagem do diferencial, 6 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.

Para os terrenos acidentados aonde os tractores de rodas têm dificuldades, há agora os modelos de rasto contínuo para todos os terrenos.

Modelo	1-C	5-C
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	0 ^m ,90	0 ^m ,98 ou 1 ^m ,16

Direcção no diferencial com embraia-gens laterais, levantador hidráulico em 3 pontos, regulador de profundidade, 8 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.



Os motores «LAMBORGHINI» — Diesel são arrefecidos por ar, e com arrefecedor do óleo, arranque a frio, **ECONÓMICOS E DURADOUROS**, porque são fabricados pela «LAMBORGHINI» e são

garantidos por 2 anos

Charruas de 5 ferros próprias para todos os trabalhos nas vinhas, Frezas, Grades de discos, etc.
ATOMIZADORES E POLVILHADORES «CHIRON»

Peça uma demonstração aos distribuidores exclusivos:

O. L. I. V. E. R.

Alameda D. Afonso Henriques, 60-A a 60-C

Telefs. PPC 7251 33 - 7251 34

LISBOA

Telegramas «Tracoliver»

Senhores Lavradores

A «CASA MALTA»,
fornece nas melhores
condições:

Máquinas
Agrícolas
de todos os tipos.

Adubos,
Insectidas e
Fungicidas
para todas as culturas
e tratamentos, tais
como: Acticupro,
Ultraenxofre, Cobre
Sandoz, Sulfato de
Cobre inglês, Thio-
vit, etc., etc.

Sementes para
Horta, Jardim
e Pastos,
incluindo bolbos re-
cebidos directamente
da Holanda, Jacintos,
Narcisos, Iris, Tuli-
pas, Ranúnculos,
Anémons, etc., etc.

No interesse de V.
Ex.^a, consulte sempre

Malta & C.ª L.ª da

R. Firmeza, 519—PORTO
Telefone, 20315

2697



SULFATO DE AMÓNIO

COM
21% DE AZOTO AMONICAL
E
23%-24% DE ENXOFRE

As melhores produções obtêm-se quando a planta, além de poder dispor dos nutrientes essenciais — AZOTO, FÓSFORO e POTÁSSIO — encontra no solo outros elementos nutritivos a que se tem atribuído interesse secundário. Entre estes, o ENXOFRE desempenha um importante papel, sobretudo nas culturas de Crucíferas. (couve, nabo, etc.) e Leguminosas (trevo, luzerna, etc.)

Graves deficiências de ENXOFRE foram já verificadas em diversos países e estão levando os técnicos responsáveis a preconizar a utilização de adubos que, além de elementos nutritivos principais, apresentem elevado teor de ENXOFRE.

O SULFATO DE AMÓNIO, o adubo que contém maior teor de ENXOFRE, garante uma conveniente fertilização em AZOTO e evita o aparecimento de deficiências em ENXOFRE.

AP/1E

3104



BALANÇAS e BÁSCULAS

Uma gama de produção que vai da balança química-analítica da mais alta sensibilidade, com funcionamento automático e leitura directa do resultado de pesagem de freio amortecedor electrónico, às Bâsculas automático-registadoras mais dimensionadas para a carga máxima de pesagem de:

150 toneladas e 22 metros de ponte
Um tipo de balança para cada fim

Confie o seu problema de pesagem aos técnicos balanceiros especializados

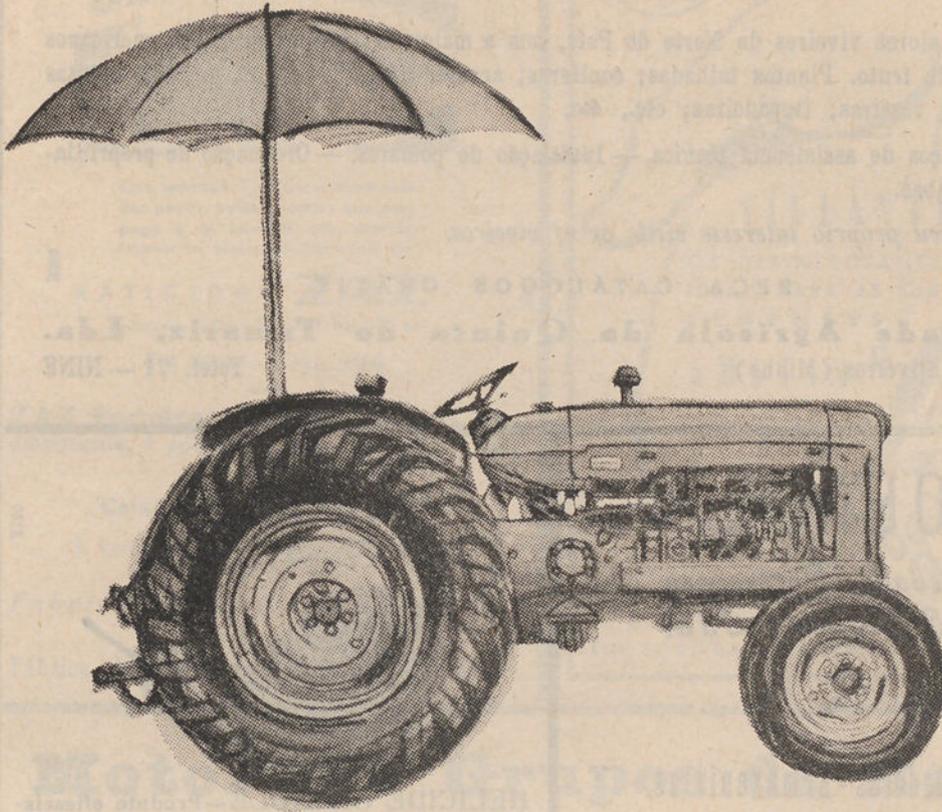
ROMÃO & COMP.ª FÁBRICA DE BALANÇAS—LISBOA

e tê-lo-á resolvido correctamente.

Uma velha experiência de 175 anos ao serviço da mais moderna técnica.

13, Cruzes da Sé, 29 LISBOA Telefones, 870151/52

8950



Faça sol ou faça chuva, faça calor ou frio, na montanha ou na planície...
A nova EQUIPA AZUL FORDSON proporciona-lhe um trabalho mais fácil e económico:
foi concebida com os olhos postos no tractorista. *

FORDSON SUPER MAJOR

Mais potência no motor.
 Mais potência na tomada de força.
 Novo sistema hidráulico com Qualitrol, controle de posição.
 Regulação de débito e levantador hidráulico com resposta de Acção Dupla.
 Nova válvula de segurança automática.
 Novo assento «REST-O-RIDE» com suspensão tipo flutuante.
 Nova gama de velocidades — baixas a potências elevadas para trabalhos de lavoura de grande precisão.

FORDSON SUPER DEXTA 45

Mais potência no motor.
 Mais potência na tomada de força.
 Nova válvula de segurança automática.
 Novo assento «REST-O-RIDE».

FORDSON DEXTA 32

Nova válvula de segurança automática.
 Modelo NARROW (estreito) largura mínima de 1,32 m.
 Modelo VINHATEIRO — largura mínima de 98 cm

* não se esqueça que tem agora a opção do assento «REST-O-RIDE».



**1 ano
de
garantia**

FORD LUSITANA e seus Concessionários em todo o país

O SERVIÇO FORD ESTÁ CONSIGO ONDE QUER QUE SE ENCONTRE!

3930

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.
Carreira — Silveiros (Minho) Telef. 71 — NINE

3684

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*



Importadores - Armazenistas

DE

**Produtos Enológicos
Material de Adega**

E

Material de Laboratório



LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860

Os produtos da

UMUPRO

LYON — FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ — Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

3189

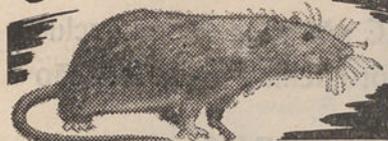
CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

GOOD YEAR

Distribuidores exclusivos: **Canelas & Figueiredo, Lda.** — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

3643

UM LADRÃO...



Que ameaça a vida e a economia dos povos, pelas doenças que propaga e os haveres que destrói. Fazámos-lhe guerra por intermédio dos

RATICIDAS ZAZ

Destruidores de Ratos, Ratazanas, Toupeiras, etc.

Pó 3\$00 — Grão 6\$00

ZAZ Formiga — Destrói as formigas imediatamente, à aplicação. Não é venenoso para as pessoas.

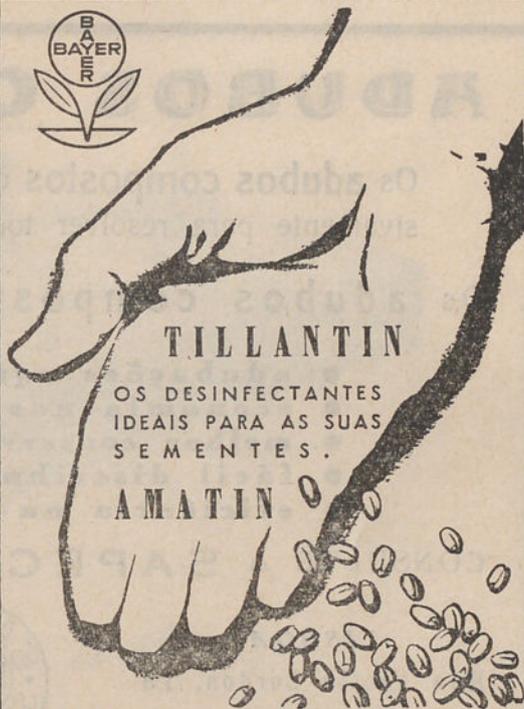
Caixa 2\$50 e 5\$00 — K. 70\$00

À venda nas Farmácias, Drogarias, Armazéns, etc.

Fabricamos outros insecticidas

DEPÓSITO GERAL:

Fábrica de Produtos ZAZ — COVILHÃ



TILLANTIN

OS DESINFECTANTES IDEAIS PARA AS SUAS SEMENTES.

AMATIN

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

S. A. R. L. QUIMICOR — Secção Agrícola
RUA SOCIEDADE FARMACÉUTICA, 3 — LISBOA

4962

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F

Telef. 53398

3532

ADUBOS COMPOSTOS

Os adubos compostos da SAPEC são preparados exclusivamente para resolver todos os problemas de adubação

Os adubos compostos da SAPEC significam:

- adubações equilibradas
- economia nos transportes
- melhor conservação e armazenagem
- fácil distribuição no campo
- eficiência na fertilização

9655

CONSULTE A SAPEC SOBRE ADUBOS COMPOSTOS

LISBOA

Rua Victor Gordon, 19
Telef. 36 64 26



Agência no PORTO

R. Sá da Bandeira, 746 1.º D.
Telef. 2 37 27

DEPÓSITOS E REVENDEDORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

O MELHOR CAFÉ

É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 - PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854



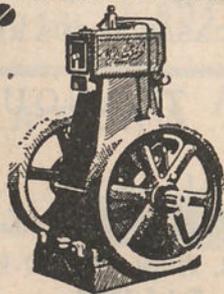
CHINCHILLAS

A criação mais fácil e rendosa no clima ideal de Portugal! As peles de CHINCHILLA são as mais valiosas da actualidade com mercado firme e procura superior à oferta. As CHINCHILLAS «ECO»,

detentoras dos melhores prémios, produzem das melhores Peles. Porque não inicia já a sua criação, com alguns casais ou unidades polígamas? *Hankham European Chinchilla Organization. Hankham - Inglaterra. Eurochilla, Lisboa.* Informações no norte:

António Sampaio - FAFE

9968



DESDE 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.ª
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149



Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

8165

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS

CANAS DE SENHORIM

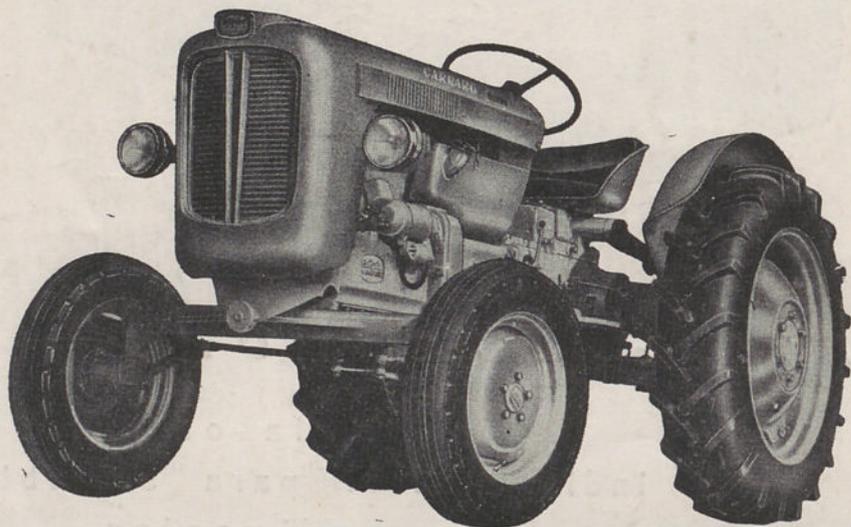


SERVIÇOS AGRONÓMICOS

LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º

LISBOA - TELEF. 368989

o mais moderno tractor europeu



CARRARO

8957

- * 23 - 35 - 45 hp (vinhateiros e normais)
- * 10 velocidades
- * sistema de blocagem independente das rodas posteriores, patenteado
- * levantamento hidráulico, de duplo efeito, com pré-selector automático de potência e estabilização

Veja-os
e ficará encantado

Peça demonstração
e ficará convencido!



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Av. Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telef. 55161

